

GIULIANO PEREIRA DE SALES

**MENINAS DA ÁGUA: UMA HISTÓRIA DO
FUTEBOL FEMININO**

Viçosa-MG
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
2013

GIULIANO PEREIRA DE SALES

MENINAS DA ÁGUA: UMA HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Hideide Brito Torres

Viçosa-MG
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
2013

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

M

Sales, Giuliano Pereira de, 1989-

S163m Meninas da Águia : uma história do futebol feminino / Giuliano Pereira de
2013 Sales. - Viçosa, MG, 2013.

104f. : il. ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Hideide Brito Torres.

Monografia (graduação) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.43-45.

1. Feminismo. 2. Futebol. 3. Esportes para mulheres. 4. Futebol feminino.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Comunicação Social. Curso
de Comunicação Social - Jornalismo. II. Título.

CDD 22 ed. 796.082



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Meninas da Águia: uma história do futebol feminino*, de autoria do estudante Giuliano Pereira de Sales, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Ms. Hideide Brito Torres- Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Ms. Laene Mucci Daniel
Curso de Comunicação Social / Jornalismo UFV

Dêny Siviero
Jornalista graduado no curso de Comunicação Social/ Jornalismo UFV

Viçosa, 23 de agosto de 2013

AGRADECIMENTOS

O sonho começou em 2009. Depois de enfrentar dois anos do curso preparatório, recebi com alegria a convocação para iniciar a trajetória que mudaria minha vida. Nos últimos anos vivi experiências únicas que apenas a UFV, em especial o curso de Jornalismo, poderia me proporcionar. Hoje, ao encerrar esta importante etapa, tenho que ser grato a muitas pessoas que tornaram em realidade o meu sonho. Primeiramente a Deus, sem Ele não teria forças para superar as barreiras que se apresentaram no meu caminho. Aos meus pais, os quais nunca me faltaram com uma palavra de afeto e apoio. Aos meus irmãos, que incentivaram e tornaram mais suportável a dor da saudade. Aos meus amigos Carlos, Jhoseff, Lucas Arruda, Camila Oliveira, Luiz Santos, Pedro Mello, Pedro Rennó, Lectícia (Lia) e Mariana Donda.

Compreendo que saio capacitado para exercer a profissão a qual desde criança já parecia destinado a desempenhar e isto não seria possível sem os ensinamentos dos generosos professores do curso de Comunicação Social da UFV. Em especial, sou grato a minha orientadora Hideide Torres que me incentivou e apoiou, incessantemente, na realização deste projeto. Sem ela nada disto seria possível.

À cidade de Viçosa, agradeço a oportunidade de conhecer pessoas que superaram as barreiras da amizade e tornaram-se minha família. O constante carinho desde o café ao achocolatado fez da cidade um lugar inesquecível. Mando um abraço especial àquelas que me acolheram no momento mais complicado desta jornada, Camila Calixto e Marcela Corcino. Ao Bruno Menezes, meu amigo jornalista, que aceitou o apressado desafio de diagramar minha reportagem.

Por fim, às atletas do São José Esporte Clube que me cederam suas histórias e tornaram este livro em algo concreto. Em nome de Selma, Patrícia, Rafaela, Fernanda Fonseca, Camila Letícia e Maglia agradeço todas as mulheres que ainda ousam enfrentar os preconceitos da nossa sociedade e se colocam à frente do machismo.

“A mulher é a escrava dos escravos. Se ela tenta ser livre, tu dizes que ela não te ama. Se ela pensa, tu dizes que ela quer ser homem”. (John Lennon)

RESUMO

O livro-reportagem *Meninas da Águia – uma história do futebol feminino* é o projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). O livro apresenta um pouco da trajetória das mulheres no esporte, dando enfoque ao futebol. Após anos de proibição no Brasil, o futebol feminino tem apresentado constante evolução, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido. A principal barreira é romper com a representação tradicional da mulher e do próprio futebol comumente associado ao universo masculino. Atualmente o São José EC se tornou referência na categoria graças aos quatro títulos conquistados nos últimos três anos e um projeto estável, numa realidade que vários times são fechados pela falta de patrocínio. O livro conta os cenários e as situações que as Meninas da Águia precisam superar por meio de relatos da imprensa local, treinadores, autoridades políticas e as próprias jogadoras.

Palavras-chave: livro-reportagem, feminismo, futebol, mulheres, São José EC, sonhos

ABSTRACT

Meninas da Águia – uma história do futebol feminino book-report is the experimental project produced as a final work for the Social Communication Course - Journalism, of the Federal University of Viçosa (UFV). The book presents a bit about the trajectory of women in sports, focusing football. After years of prohibition in Brazil, women's football has made a steady progress, but there is still a long way to go. The main barrier is breaking with the traditional representation of women and football commonly associated with the male universe. Currently the São José EC has become a reference in the category thanks to the four titles won in the last three years, and a stable project, in a reality where several teams are closed due to lack of sponsorship. The book tells the scenarios and situations that the Meninas da Águia must overcome through reports from local news, coaches, political authorities and players themselves.

Key-words: book-report; feminism; football; women; São José EC; dreams.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. FEMINISMO	17
1.1 MULHER NO ESPORTE	19
1.2 FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	20
2. LIVRO-REPORTAGEM	24
2.1 CLASSIFICAÇÃO	25
2.2 ENTREVISTA DE COMPREENSÃO	27
2.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA	28
3. RELATÓRIO TEÓRICO	29
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO	29
3.2 PRODUÇÃO	30
3.2.1 PRIMEIRA VIAGEM	30
3.2.2 PERCEPÇÕES DESTA ETAPA	33
3.2.3 SEGUNDA VIAGEM	34
3.2.4 PERCEPÇÕES DESTA ETAPA	36
3.3 PÓS-PRODUÇÃO	37
3.3.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO – <i>MENINAS DA ÁGUIA: UMA HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO</i>	37
3.4 ORÇAMENTO, MATERIAIS E CRONOGRAMA	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

A luta feminina para construir uma nova representação na sociedade não é de hoje. De fato, ela começou ainda no século XIX quando as mulheres começaram a exigir um espaço na política de seus países. Nos esportes, a participação feminina em grandes eventos aconteceu pela primeira vez em 1900, nas Olimpíadas de Paris, a segunda dos tempos modernos. A partir de então, modalidades femininas foram iniciando-se e inseridas na competição pouco a pouco.

No Brasil, as mulheres conviveram com proibições, que negaram seus direitos ao esporte por quase quatorze anos. Estas medidas tinham como justificativa a preocupação pela saúde feminina. Esportes de contato, tidos como violentos, poderiam danificar a “natureza reprodutiva da mulher”. Esta visão patriarcal impediu que muitas modalidades desenvolvessem-se em território brasileiro.

Atualmente, o cenário é diferente, não há proibições formais às mulheres em praticarem qualquer esporte, entretanto, o machismo persiste em limitá-las a algumas categorias. Segundo o Registro Geral de Atletas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no mês de agosto de 2013 são 13.210 futebolistas associados. Deste total, 43% (5740) são mulheres, sendo que 60% (3479) destas jogadoras se concentram no estado de São Paulo.

À primeira vista, a porcentagem feminina impressiona, entretanto, alguns fatores ajudam a refletir sobre este total. Primeiro ao fato do segundo semestre significar em vários times regionais masculinos fechados por falta de competição, portanto sem atletas inscritos na CBF. Em segundo a organização, depois de anos sem competição nacional, do 1º Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino a ser iniciado na primeira quinzena do mês de agosto deste ano.

O torneio patrocinado pela Caixa Econômica Federal ajuda a explicar o porquê da maioria das mulheres atletas se concentrarem no estado de São Paulo. Dos vinte clubes que irão participar do torneio, quatro são paulistas: Centro Olímpico, Rio Preto, Francana e São José. Na segunda posição estão empatados os Estados do Rio de Janeiro (Duque de Caxias e Vasco) e Pará (Pinheirense e Tuna Luso) com dois representantes cada.

São Paulo sai na frente também com o Campeonato Paulista Feminino, que reúne dezesseis equipes. Entretanto, a realidade da competição mostra a disparidade entre a

categoria e o futebol masculino. Serem encaradas como amadoras pela Federação Paulista de Futebol atrapalha na organização de datas e jogos.

Os contratos das atletas, por exemplo, são assinados anualmente. Isto intensifica a instabilidade do futebol feminino, visto que são inúmeros os casos em que o clube encerra o departamento por falta de incentivo ou patrocínio. Muitas vezes, ao fechar um acordo com algum clube, a jogadora não tem segurança nem garantia de salários ou sequência do time para os próximos anos.

Conquistando um título por ano, na média, desde 2011, o São José Esporte Clube tornou-se referência na modalidade. O projeto sólido, porém, não garante contratos em longo prazo, graças à forma amadora de gestão do futebol feminino no país. Todavia, é cada vez maior o número de futebolistas que são atraídas para a cidade em busca de segurança e estrutura para exercer sua profissão.

Vale recordar, porém, que a estrutura disponível ao time referência do feminino corresponde à mesma de um clube masculino que não disputa uma competição nacional há mais de dez anos.

Embora a presença das mulheres dentro do cenário esportivo, em especial nos gramados de futebol, tenha evoluído, ainda estão distante do ideal para tornarem-se profissionais da bola. Estas barreiras são confrontadas todos os dias pelas atletas nos treinos e partidas.

O livro-reportagem *Meninas da Águia: uma história do futebol feminino* conta um pouco sobre a trajetória da participação feminina no meio esportivo, assim como o aparecimento da modalidade e sua atual situação na cidade de São José dos Campos.

1. FEMINISMO

A Revolução Industrial, iniciada no Reino Unido, teve intensos impactos na sociedade da época. Ao colocar de lado o modo de produção de subsistência do feudalismo, esta revolução provocou um forte êxodo rural e uma nova organização de trabalho. Se antes o homem era responsável pelo trabalho físico e as mulheres tinham o lar como sua obrigação, agora ambos desempenham funções dentro das recém-criadas indústrias. Para Andrade (2009, p. 159), a presença feminina causava duas ameaças aos homens:

[P]or um lado o aumento da competição em um mercado de trabalho extremamente volátil e o conseqüente rebaixamento geral dos salários; por outro lado, a dissolução da família enquanto unidade produtiva e a progressiva perda do controle exercido pela autoridade paterna sobre o trabalho e a vida dos membros da família.

Assim, os homens começavam a criar justificativas para impedir a presença feminina no mercado de trabalho, tais como “sua fragilidade, vulnerabilidade e docilidade, deveria ser preservada dos perigos e degradações promovidas pelas indústrias modernas e assim confinada à esfera do lar” (ANDRADE, 2009, p.163)

A nova vida dentro do mercado de trabalho trouxe diferentes perspectivas às mulheres, as quais acompanharam o processo de reivindicação por melhores condições empregatícias e salariais. Este engajamento político ficou cada vez mais acentuado e, aos poucos, elas começaram a requerer novos espaços na sociedade, além de direitos como o voto. Os pedidos femininos, porém, eram encarados pelos homens como condizentes a um grupo específico e, assim, silenciados:

Contudo, as discussões internas acerca da questão feminina sinalizavam a emergência de uma significativa mudança nos meios operários, refletida na crescente participação das mulheres nas greves e manifestações, na ampliação da mobilização das *suffragettes* para além dos círculos pequeno-burgueses, na criação de novas formas de cooperação entre as mulheres fora e dentro do trabalho e no engajamento feminino na Comuna de Paris. Nesta última, embora o direito ao voto não lhe tenha sido concedido, as mulheres ganharam considerável expressão em termos políticos devido à sua própria iniciativa e organização. (ANDRADE, 2009, p. 165).

Em 1851, a norte-americana Susan Brownell Anthony entrou para história ao lutar pelo fim da escravidão em seu país. Junto à abolição, Susan buscava aprovar uma emenda que daria às mulheres direito ao voto, mas obteve muitas dificuldades em levar este último sonho adiante. Durante o período da Guerra Civil, realizou campanha para colher assinaturas a favor da liberação dos escravos, obtendo expressivas 400 mil. Graças à atuação ativa de Anthony, os Estados Unidos, em 1870, deram igualdade social aos homens de todas as raças. O voto feminino, porém, só foi homologado na Constituição americana em 1920, por meio da 19ª Emenda.

O primeiro país a legalizar o voto feminino foi a Nova Zelândia (1893) e, em seguida, a Austrália (1902), esta última com algumas restrições. Na América Latina, o Equador foi o primeiro a dar este direito às mulheres em 1929. O Brasil, por sua vez, legalizou o voto três anos depois, porém sem obrigatoriedade. A obrigação em comparecer às urnas, para as brasileiras, deu-se apenas em 1988.

Atualmente, o feminismo ainda combate os resquícios deixados pelo tradicionalismo, junto com as desigualdades que este acarreta. Mais presentes no mundo profissional, as mulheres ainda convivem com salários menores que dos homens, mesmo que em cargos de igual importância:

No Brasil, as mulheres são 41% da força de trabalho, mas ocupam somente 24% dos cargos de gerência. O balanço anual da Gazeta Mercantil revela que a parcela de mulheres nos cargos executivos das 300 maiores empresas brasileiras subiu de 8%, em 1990, para 13%, em 2000. No geral, entretanto, as mulheres brasileiras recebem, em média, o correspondente a 71% dos salários dos homens. Essa diferença é mais patente nas funções menos qualificadas. No topo, elas quase alcançam os homens. Os estudos mostram que no universo do trabalho as mulheres são ainda preferidas para as funções de rotina. De cada dez pessoas afetadas pelas lesões por esforço repetitivo (LER), oito são mulheres. (PROBST, 2003,p.3).

Nestes últimos dez anos, a realidade das brasileiras pouco evoluiu. Em sua coluna “Mercado Aberto” do jornal *Folha de São Paulo*, Maria Cristina Dias fez uma análise, no dia oito de março de 2013, intitulada “Mulheres presidentes ainda são poucas”, onde ela aponta que: “Além de presença reduzida nas principais posições, as mulheres que ocupam cargos de alta gerência continuam recebendo menos. Nesse setor (de seguros), o sexo feminino ganha apenas 34% do valor dos salários dos homens”.

1.1 MULHER NO ESPORTE

Muitos especialistas apontam a Grécia Antiga (776 a.C. a 393 d.C.) como o berço esportivo, pois era nesta civilização que acontecia o primeiro modelo de jogos olímpicos, a panateia. Em honra a deusa Atenas, símbolo mitológico da justiça, sabedoria, estratégia e artes, os gregos reuniam-se de quatro em quatro anos para efetuarem diversas atividades esportivas, concursos de beleza, sacrifícios, entre outras coisas. A crença era de que com tal celebração, as colheitas seriam abençoadas e protegidas pela sábia deusa.

Contudo, a participação em atividades esportivas era restrita aos homens, não permitindo inclusive a presença feminina nas arquibancadas. Oliveira, Cherem e Tubino (2009, p. 118) apontam a razão para tal proibição:

O motivo alegado era que mulheres poderiam ter danos fisiológicos, já que o acesso ao Stadium, local das provas, era muito íngreme. No entanto, a participação da mulher nos jogos não era permitida em função de uma outra questão. Este fato ocorria em função da cidadania para os gregos estar ligada a função de guerrear, atividade vedada às mulheres, gerando com isso praticamente a exclusão feminina da vida pública, cabendo a elas somente o papel de ser mãe de cidadãos.

A tradição de manter mulheres longe dos eventos esportivos foi mantida durante anos. Em 1896, em Atenas, ocorreu a primeira edição dos Jogos Modernos, sob a organização do Comitê Olímpico Internacional (COI). Com a justificativa de que a presença feminina “vulgarizaria” as Olimpíadas, os idealizadores mantiveram a proibição. Para Pierre Coubertin, responsável por reestabelecer a competição na atualidade, o evento era “local apropriado para representar a figura competitiva do homem, por relacioná-lo com as questões do uso da força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade”. (OLIVEIRA, CHEREM, TUBINO, 2009, p.119).

Competições femininas entraram na agenda olímpica apenas na segunda edição moderna, realizada em Paris no ano de 1900. Essa inserção, entretanto, não foi tranquila e teve que superar grandes desconfianças, como relata Goellner (2005, p. 144):

[S]omente a partir das primeiras décadas do século XX que as mulheres conseguiram maior espaço neste território tido como “essencialmente”

masculino. Uma das razões para tal conquista foi a participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos que, apesar de não ter se consolidado de forma tranquila, muito menos fácil, possibilitou certa visibilidade à mulher atleta. As mulheres foram “autorizadas” a fazer parte deste evento, apenas na sua segunda edição, mesmo sob protesto de alguns de seus idealizadores, cujas intervenções no âmbito da organização das competições, direcionavam-se para que elas apenas assistissem aos jogos e não deles participasse.

O esporte surgiu como uma possibilidade de desestabilizar a disparidade sexual da época. Os resultados esportivos davam às mulheres indicações de seu potencial e faziam questionar a subordinação à que lhes era designada, como mostra a historiadora Helen Lenskyj:

A habilidade esportiva dificilmente se compatibiliza com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina. (LENSKYJ citado por ADELMAN apud GOELLNER, 2009, p.144).

1.2 FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

O futebol é encarado, no Brasil, como o principal esporte, entretanto, quando tratamos da prática feminina nesta modalidade, enxergamos uma trajetória de proibições que atualmente reflete na forma armadora como é encarado pelas federações nacionais.

Enquanto os homens possuem um calendário montado com até cinco competições anuais, as mulheres que se aventuram dentro de campo possuem na Copa do Brasil, Libertadores e alguns espalhados campeonatos estaduais as únicas opções de exercer sua profissão. Estas disputas, no entanto, não chegam a ocupar oito meses do ano.

Sobre a origem do futebol feminino no Brasil, Thomaz Mazzoni escreveu em seu livro *Histórias do Futebol no Brasil*, em 1950, que o primeiro confronto entre mulheres aconteceu em 1940, partida única como prévia de São Paulo e América no Pacaembu: “Nesse jogo preliminar, foi lançado o futebol feminino, cujo interesse se limitou a este único jogo. Morreu

logo o futebol das moças”. (MAZZONI *apud* FRANZINI, 2005, p.317). Todavia, na década de 90 descobriu-se que a prática de chutar as bolas com os pés entre as mulheres data-se de muito antes:

[N]a década de 90, o historiador José Sebastião Witter afirma, em nota de rodapé ao texto de sua *Breve História ao Futebol Brasileiro*, que "no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times de bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América e outros". (WITTER citado por FRANZINI, 2005,317).

A sociedade brasileira patriarcal ainda enxergava as mulheres como “dotadas de fragilidades”, o que não condizia com a prática esportiva. Desta forma, alguns esportes tornaram-se mal vistos para a prática feminina, sendo a principal justificativa baseada na preocupação com o estado de saúde das brasileiras, como nos mostra Darido (2002):

Ballariny (conforme citado por Faria Jr. 1995) argumentou que o futebol é um desporto violento e prejudicial ao organismo não habituado a esses grandes esforços. Além disso, provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos femininos. O mesmo autor ressalta que a prática do futebol pelas mulheres proporciona um antiestético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, por exemplo, tornozelos rechonchudos, pernas grossas arqueadas e joelhos deformados. (BALLARINY citado por FARIA JR. *apud* DARIDO, 2002, p. 3).

Esta atenção à saúde feminina levou a Subdivisão de Medicina Especializada do Estado Novo a apontar os riscos de determinados esportes ao pleno desenvolvimento das mulheres e de suas “funções”. Apoiado nesta recomendação, em abril de 1941 o Conselho Nacional de Desportos (CND) instituiu o Decreto-lei 3.199, cujo artigo 54 dizia que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Em 1965, o CND deliberou que às moças: “Não é permitido a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball” (BRASIL – Deliberação nº 07 de 1965).

Esta decisão manteve-se no cenário nacional até 1979, quando o Brasil começava a ceder às pressões exercidas pela nova ordem social. De acordo com Goellner (2005, p. 147):

[O]s decretos oficiais da interdição de determinadas modalidades impossibilitaram, por exemplo, que os clubes esportivos investissem em

políticas de inclusão das mulheres no esportes. Esse movimento terá seu início no final da década de 70, quando se estabelecem novas bases para a organização do esporte no país, fazendo com que, em 1979, fosse revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportes que vedava a prática do futebol e do futebol de salão pelas mulheres.

Após o fim da deliberação do CND, começaram a aparecer alguns campeonatos organizados para o futebol feminino. Segundo Salles e Morel (2006, p. 01), em 1981, a Liga de Futebol de Praia Feminino do RJ foi fundada e, no mesmo ano, a Liga promoveu sua primeira competição regional. Além disto: “Neste ano, o Esporte Clube Radar do RJ implantou o futebol feminino, fato que deu repercussão à modalidade”.

O Radar, aos poucos, tornou-se o principal time feminino do país, chegando a realizar excursões vitoriosas pelos Estados Unidos e América do Sul. O time disputou, em 1983, a primeira final do Campeonato Carioca de Futebol Feminino, contra o Bangu, “ocorrendo durante o jogo um desentendimento que teve forte repercussão na mídia, devido à violência no conflito” (SALLES, MOREL, 2006, p.1).

Segundo o site oficial do Clube de Regatas Vasco da Gama, o time conquistou, em 1994, o título de campeã brasileira de futebol feminino. Contudo, não há informações corretas, nem mesmo no site oficial da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sobre a organização e o formato de disputa. Porém, através dos sites personificados de cada equipe aparece a existência desta conquista listada entre as suas glórias históricas, conforme relaciono abaixo:

1995: Clube de Regatas Vasco da Gama.

1996: Saad (São Caetano do Sul).

1997: São Paulo Futebol Clube.

1998: Clube de Regatas Vasco da Gama.

1999/2000: Associação Portuguesa de Desportos.

2001: Santa Isabel (MG).

O ganho de mídia ao futebol feminino começou a partir de 1996 quando a modalidade começou a fazer parte dos Jogos Olímpicos. Naquela edição, os dirigentes fizeram o árduo trabalho de procurar 22 jogadoras para compor a seleção brasileira. O quarto lugar conquistado foi extremamente positivo considerando a fraca estrutura do esporte no Brasil.

A surpreendente campanha brasileira nestes Jogos impulsionou a Federação Paulista de Futebol (FPF) e a empresa de marketing esportivo *Sport Promotion* a realizar, em 1997, a

primeira edição do Campeonato Paulista de Futebol, batizado de “Paulistana”. Nesta época, a competição contava com os quatro principais times do estado. As primeiras campeãs foram as são-paulinas, vencendo a decisão diante o Santos por 4 a 1. Segundo a empresa, este campeonato teve transmissão de televisão em canal aberto e fechado.

Outras grandes campanhas da seleção brasileira voltaram a acontecer nos anos 2000, nas Olimpíadas de 2004 e 2008. Superando potências nas semifinais (Suécia e Alemanha, respectivamente), a seleção canarinho conquistou duas medalhas de prata ao perderem ambas as decisões, na prorrogação, diante da maior força da modalidade: os Estados Unidos. Em 2007, depois de golearem as americanas na semifinal, o Brasil acabou superado pela Alemanha na decisão da Copa do Mundo Feminina disputada no país germânico.

Depois das campanhas da seleção feminina, a CBF retornou a organizar uma competição para a modalidade. Em 2007, criou a Copa do Brasil de Futebol Feminino, a qual reuniu 32 equipes de todo o país em uma disputa de três fases que durava apenas seis semanas. Em 2009, aconteceu a primeira edição da Taça Libertadores da América Feminino.

Comprovando a evolução do futebol feminino no cenário nacional, em 2013, a CBF entrou em acordo com a Caixa Econômica Federal para organizar o 1º Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

2. LIVRO-REPORTAGEM

No mundo jornalístico, uma grande reportagem é a oportunidade para aprofundar sobre determinada temática. Sua intensa apuração e riqueza de detalhes potencializam sua capacidade de contextualização e torna possível maior compreensão do assunto trabalhado. O livro-reportagem foge do dinamismo jornalístico, das pautas factuais e do imediatismo em se fazer matérias. Portanto, como afirma Lima (1995), acaba por apresentar informações ampliadas sobre os fatos que tenham relevância para a sociedade.

Honorato (2013), citando Vilas Boas (2002), mostra que o livro-reportagem pode proporcionar ao leitor um alcance de compreensão muito maior se comparado ao das matérias diárias. “Assim sendo, favorece uma imersão profunda nos acontecimentos e em seu contexto, permitindo que de certa maneira se fuja das limitações do jornalismo diário, como, por exemplo, ideologias, tempo, espaço, a maneira padrão de se redigir.” (VILAS BOAS *apud* HONORATO, 2013, p.13).

Para Lima (1995), a reportagem, especialmente em formato de livro, é aquela que mais aproxima o jornalismo da atividade literária. Uma prova desta constatação é o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha: a obra é resultado de relatos jornalísticos sobre a guerra dos Canudos. Outro exemplo é Machado de Assis, que iniciou sua vida profissional como tipógrafo e revisor de jornal, aproveitando para colocar nas publicações suas primeiras poesias e crônicas. Segundo Pena (2006), durante os séculos XVIII e XIX, os folhetins buscavam a união entre jornalismo e literatura para atrair a atenção dos leitores. Quando apresentavam narrativas literárias, estes jornais conseguiam aumentar significativamente o número de vendas.

Lima (1995, p. 139) apoia-se em Boris Schnaiderman para falar sobre a impermeabilidade da “barreira” entre o jornalismo e literatura:

Acho errado ver uma barreira intransponível entre o jornalismo e a literatura. (...) Ora, literatura e jornalismo estão tão próximos, tão ligados. O jornalismo apropria-se das técnicas da literatura e vice-versa. O jornalismo tem dado maior vivacidade à literatura moderna. Qualquer reportagem bem-feita tem elementos literários. O Graciliano Ramos é uma lição de boa literatura e uma lição de jornalismo. Porque o literário não é apenas o ornamento. Graciliano Ramos explorou o despojamento, esse descarnar da linguagem. *Memórias do*

cárcere traz essa marca. Onde está o jornalismo? Onde está a literatura? Fica muito difícil demarcar a fronteira.

Boris levantava esta questão, pois com o passar dos anos o jornalismo se distanciou da literatura e criou suas próprias características. Priorizando a agilidade, o imediatismo, a imparcialidade e a busca pelo furo jornalístico, os jornais apontavam a importância do distanciamento entre os repórteres e as histórias a eles contadas. Para estes, portanto, existia uma clara diferença entre o texto jornalístico e o literário.

Apenas após a II Grande Guerra, os jornalistas voltaram a ser incentivados a produzirem grandes matérias. Algumas destas foram transformadas em livros, retornando assim a ligação entre o jornalismo e a literatura. Foi neste momento que surgiu o *New Journalism* ou *Novo Jornalismo*, o qual “resgatava, para esta última metade do século, a tradição do jornalismo literário e conduzi-lo-ia a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes” (LIMA, 1995, p. 146).

Honorato (2013) aponta Gay Talese, autor de *Fama e Anonimato* e Truman Capote, que escreveu o clássico *A Sangue Frio*, como os expoentes deste movimento, marcado pela escrita delineada e aprofundada. Para Lima (1995, p. 159), é o livro-reportagem a forma mais eficaz e refinada da ligação entre o jornalismo e a literatura: “Resta acrescentar que o principal legado do *new journalism* – a de que a melhor reportagem, no sentido de captação de campo e fidelidade para com o real, pode confirmar-se muito bem com a melhor técnica literária – encontrou sua mais refinada expressão no livro-reportagem”.

2.1 CLASSIFICAÇÃO

Existe uma diversidade de livros-reportagens, variando pela temática abordada ou ao seu modelo narrativo. Lima (1995, p. 44) propõe um critério classificatório utilizando-se de dois fatores: “o objetivo particular, específico, com que o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade, e a natureza do tema de que trata a obra”. O livro-reportagem *Meninas da Águia: uma história do futebol feminino* encaixa-se em duas dessas classificações: livro-reportagem-história e livro-reportagem-atualidade.

Livro-reportagem-história

Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem geralmente algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados. (LIMA, 1995, p. 26).

A presença feminina no esporte é um acontecimento marcante na trajetória social, que apesar de ter começado aproximadamente em 1900, ainda vem se desenvolvendo constantemente. Desta forma, o trabalho *Meninas da Águia: uma história do futebol feminino* resgata o início da modalidade no Brasil, pontuando sua trajetória de proibições e conecta ao tempo presente com o uso das entrevistas de atletas e jornalistas que acompanham ou participam deste esporte atualmente.

Entretanto, o futebol feminino não é uma atividade finita. Apesar das inúmeras interrupções sofridas em competições brasileiras, a modalidade ainda sobrevive e agrega interesse de novos participantes. Isto nos permite projetar sua continuação, encaixando o livro-reportagem em outra classificação.

Livro-reportagem-atualidade

Também aborda de um tema atual, como faz o livro-reportagem-instantâneo. Mas apresenta uma diferença peculiar: seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos. Assim, permite ao leitor resgatar as origens do que ocorre, seu contorno de presente, as tendências possíveis de seu desfecho no futuro. Facilita a identificação das forças em conflito que poderão determinar o desfecho. Faz com que o leitor acompanhe, com maior profundidade de conhecimento, uma ocorrência de maior magnitude que esteja em progresso. (LIMA, 1996, p. 48)

Meninas da Águia: uma história do futebol feminino resgata a trajetória cronológica da presença das mulheres dentro dos gramados, aprofundando na presença da modalidade em São José dos Campos. São poucos os registros encontrados sobre o início da prática esportiva na cidade, portanto, o livro-reportagem se propôs a desvendar o contexto da origem do esporte no município, passando pela atual situação do São José EC, além de projetar um possível futuro para esta categoria.

A elaboração desta linha do tempo só foi possível graças ao depoimento de ex-treinadora, membros da imprensa local e atletas do atual elenco do São José EC. Diante destas

narrativas de vida, foi possível apresentar a origem do futebol feminino em São José dos Campos, em 1980, além do atual momento vivido pelo time e sua representatividade no Brasil.

As entrevistas foram fundamentais para desvendar os diferentes contextos sociais com os quais as futebolistas tiveram que conviver e ainda convivem. Ainda hoje, a presença das mulheres no esporte ajuda a construir uma nova representação do feminino, combatendo tradicionais preceitos e “funções sociais”. A cada partida, vitória e título, as meninas da Águia procuram chamar a atenção para a modalidade no Brasil que ainda sofre com a desvalorização e o machismo.

2.2 ENTREVISTA DE COMPREENSÃO

Além da pesquisa histórica e documental, um dos principais mecanismos de apuração de um livro-reportagem são as entrevistas. Lima (1995) afirma que elas fazem parte do aprofundamento e que por meio delas pode-se sanar qualquer tipo de dúvida. Neste modelo, elas servem para trazer maior compreensão sobre a temática abordada desprezando, quase sempre, sua espetacularização.

Diferente da utilização nas matérias diárias impressas, as entrevistas são para o livro formas de expressão em si, portanto é habitual o aproveitamento da fala das fontes em diversos momentos do livro-reportagem. Quando bem utilizada, o jornalista-autor “atinge a excelência máxima no domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor”. (LIMA, 1995, p. 85).

Essa possibilidade de maior diálogo ente o entrevistador e entrevistado, assim como o contato humano entre eles, dá-se, principalmente, pelo fato do livro-reportagem não possuir uma pauta pronta e definitiva.

2.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA

Esta modalidade de captação atingiu seu ápice no período do *new journalism*. Durante este período, mais precisamente nos anos 60, os Estados Unidos estavam vivendo com uma transformação social promovida pelos jovens através do movimento *hippie*. A juventude questionava o tradicional *American Way of Life* por meio de uma opção diferente de viver: em comunidades, onde drogas, alimentação natural, liberdade sexual, filosofia e a rejeição ao serviço militar obrigatório eram marcantes. Neste período, jornalistas presenciaram a vivência *hippie*, atuando dentro das “tribos” e seguindo seus conceitos.

Quando o *new journalism* esboça-se, ramo desse contexto comum, a sua forma de captação do real vai se caracterizar também por esse mergulho de cabeça no sensual, no sensório, não só para acompanhar a revolução que toma conta dos setores mais liberais do país como também para recriar e reproduzir o que se passa em setores não tão vanguardeiros assim da sociedade norte americana. (LIMA, 1995, p. 95-96).

Tom Wolfe, um dos principais expoentes do *new journalism*, percebe que “não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade, presença. Isto é, com mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações” (LIMA, 1995, p. 96).

Mas não é só porque o auge do *novo jornalismo* passou que a observação participante deixou de estar presente. Lima (1995) defende que ela está menos intensa, porém ainda dentro das reportagens diária e também não distante dos livros-reportagem.

3. RELATÓRIO TEÓRICO

A definição do produto experimental que seria elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso foi realizada durante o primeiro semestre de 2010. Entretanto, a temática trabalhada foi escolhida apenas no segundo semestre de 2013. A partir de então, iniciou-se o processo efetivo de produção jornalística que deu origem ao livro *Meninas da Águia: uma história do futebol feminino*. Todo esse processo será descrito abaixo, nas etapas de pré-produção, produção e pós-produção.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Ainda antes de entrar no curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) em 2009, tinha em minha mente que ao me formar deveria escrever um livro voltado para a área esportiva. No primeiro semestre de 2010, quando estava no terceiro período defini a minha escolha pelo livro-reportagem. Apenas no segundo semestre de 2013, após optar pela mudança do tema que estava trabalhando anteriormente, considerei o futebol feminino como uma temática. Nascido em São José dos Campos, interior de São Paulo, vinha acompanhando de longe os resultados positivos que o time local - São José Esporte Clube - conquistava na modalidade. Assim, me pareceu uma ótima oportunidade de explorar o assunto até então nunca desenvolvido dentro do Departamento.

Para tanto, comecei a pesquisar sobre o futebol feminino e sua história. Coletando artigos e estudiosos que apresentavam a trajetória da participação da mulher nos esportes de modo geral. Entre tais pesquisadores estava José Geraldo Salles, professor do Departamento de Educação Física da UFV. Ele me auxiliou na busca de referências bibliográficas e na elaboração de um projeto de pesquisa que poderia me auxiliar posteriormente.

No dia 21 de maio, em conversa por meio de uma rede social com minha prima Giovanna Borges, consegui o contato da auxiliar-técnica do São José EC, Fernanda Fonseca. Contudo, levou uma semana para conseguir falar com a mesma. Por telefone, me apresentei e

expliquei o motivo para a minha ligação, pedindo autorização para conversar com algumas atletas. Fernanda me pediu para que retornasse outro dia, pois o técnico Márcio Oliveira não estava presente.

No dia 12 de junho, retornei o contato à Fonseca, que me pediu para aparecer no treino das jogadoras já no dia seguinte. Lá, poderia explicar o meu trabalho e questioná-las da disponibilidade em participar. Então parti de Viçosa em direção a São José dos Campos para me encontrar com as atletas.

3.2 PRODUÇÃO

A produção deste projeto experimental aconteceu em dois momentos distintos. No primeiro, minha ida a São José dos Campos para apresentar o meu trabalho às jogadoras e coletar depoimentos. Em um segundo momento, uma nova viagem a minha cidade para conversar com a imprensa local e outras personalidades do futebol feminino.

3.2.1 Primeira viagem

Encontrei as jogadoras no estádio Martins Pereira. Elas realizavam um treino em preparação para os jogos do campeonato paulista. Para minha emoção, a auxiliar-técnica me convidou para entrar no gramado do estádio e conversar com as meninas antes de iniciarem a atividade. Apresentei-me a todas e expliquei a razão por estar ali. As futebolistas me indagaram sobre como funcionariam as entrevistas e se precisariam escrever alguma coisa. Eu respondi que daquela data (13 de junho) até o final do mês, estaria presente nos treinos e atividades preparado para conversar com aquelas que topassem.

A receptividade das atletas do São José EC para minha proposta variou de jogadora para jogadora. Enquanto algumas ficaram animadas, julgando ser uma boa oportunidade de divulgar o futebol feminino, outras demonstraram certo receio e insegurança.

Após conversar com todas as atletas, me dirigi ao banco de reservas do Martins onde, com visão privilegiada, pude acompanhar o treinamento. O elenco estava enxuto, visto que sete jogadoras estavam junto à seleção que se preparava para o amistoso internacional contra a Suécia. O próprio técnico do São José EC, Márcio Oliveira, não estava presente neste dia e Fernanda Fonseca era quem comandava a atividade.

Comigo no banco estavam outras quatro atletas, todas integrantes da categoria sub-20 do clube. Uma delas vinha do Rio Grande do Sul e em seu currículo ostentava a participação na Copa do Mundo Sub-17 disputada na Ásia. Informalmente, conversamos sobre a participação do público nos jogos do campeonato paulista e a distância que ela havia percorrido para seguir seu sonho de ser jogadora.

Na tarde seguinte, retornei ao Martins e lá encontrei uma atleta que vinha de Curitiba, convidada por Márcio para fazer teste no São José EC. Porém, como o treinador não estava presente, a peneira acabou não acontecendo. Ela havia recebido várias propostas além do São José, dentre eles do Foz Catarata, uma das referências na categoria nos últimos anos. Recusou o convite porque sabia que o time estava com dificuldades financeiras e falta de patrocínio, uma realidade quase cotidiana do futebol feminino.

Ela me confessou que, em conversa com as atletas da equipe sobre o meu trabalho, percebeu que “teria dificuldades em conversar com elas, algumas disseram que você terá que encontrá-las em um dia muito inspirado para participar”.

No dia 14 de junho, apareceu o contato da minha primeira entrevistada. Conversando com uma amiga, expliquei o que estava fazendo de volta a cidade e fui surpreendido com a resposta: “Eu posso encontrar os contatos das atletas para você, minha prima jogava no São José!”. Imediatamente, perguntei como poderia encontrá-la e, por meio de uma rede social, consegui agendar a minha primeira entrevista para o dia 20 de junho com a jogadora Rafaela Heloísa Graciano Silva. A partir deste momento, a internet passou a ser minha maior aliada para marcar entrevistas, conversar informalmente com as atletas e, inclusive, perceber seus interesses.

Rafaela atuou como atacante no São José EC durante dois anos. Em 2011, participou da conquista da Libertadores da América, na qual chegou a marcar um gol diante do Formas Íntimas (Colômbia) no terceiro jogo da primeira fase do campeonato. Combinamos de nos encontrar em uma praça no centro da cidade. Nossa conversa seguiu um roteiro pré-programado, porém específico para a atleta, visto que ela carrega em sua trajetória mais de

nove anos em experiência dentro do futsal, além do período no campo. No mesmo dia, a duas quadras de onde estávamos, acontecia a manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus em São José dos Campos. Depois da entrevista, nos incluímos neste protesto e, por meio dele, pude decifrar mais algumas características da personalidade da futebolista.

No mesmo dia, novamente pela internet, acertei de encontrar com Patrícia Derrico no treino do dia 21, pela manhã. Entretanto, me atrasei e perdi o horário. Meu encontro com a atleta só aconteceu três dias depois, em uma academia que cede o espaço para as jogadoras praticarem fortalecimento muscular. Às 15 horas da tarde, debaixo de chuva, fui andando até o local. Lá chegando, encontrei todas as atletas, incluindo àquelas que estavam anteriormente junto à seleção. Tentei conversar com Formiga e Bagé, a fim de apresentar minha ideia de TCC, porém, as duas passaram por mim com visível pressa. Sem conseguir falar com elas, me sentei e esperei até Patrícia se disponibilizar para nossa conversa. Em uma pesquisa prévia, descobri que a jogadora já havia atuado pela seleção nacional sub-20, além de ter passagens pelo Santos, Bangu (RJ) e Vitória (PE). Estas informações foram essenciais para incrementar o meu roteiro de perguntas.

No final da tarde deste mesmo dia, conversei com Maglia Amelly Soares. Ela me pediu para enviar algumas questões por e-mail, pois assim ela ficaria mais desinibida em me responder. Segui o padrão das perguntas que havia realizado nas outras duas entrevistas anteriores, apenas retirando as que não se encaixavam para o contexto, como as relacionadas à seleção, visto que Maglia nunca havia sido convocada. No dia seguinte já tinha as respostas em mãos e percebi que estavam mais desenvolvidas do que as realizadas pessoalmente.

Minha terceira entrevistada foi Camila Monteiro, conhecida no grupo do São José EC como Cubana. Ela carrega este apelido desde quando chegou ao clube, graças uma colega que, antes de trazer a Camila para fazer o teste na Águia, espalhou a notícia de que uma cubana estaria participando da peneira. Quando chegou para fazer o treino, todas pensavam que realmente fosse de Cuba.

O time iria realizar um treino às 9 horas no campo da área social da Petrobras, na marginal da rodovia Presidente Dutra. Combinamos de nos encontrar no local um pouco antes, entretanto, a atividade fora cancelada em cima da hora, pois o lugar estava reservado para um jogo noturno pela copa amadora entre as indústrias de São José dos Campos. Ainda assim esperei durante meia hora no portão para certificar que Cubana não viria. Acertamos, mais tarde, que mandaria as perguntas via e-mail, para evitar novos desencontros.

No dia 29 de junho, as meninas da Águia enfrentaram o São Caetano pela décima rodada do campeonato paulista. A partida marcava a despedida das atletas do Martins Pereira, que a partir de agosto (data do retorno da competição estadual que faria uma pausa) estaria em reforma. Convidei meu pai para me acompanhar. O confronto aconteceu na parte da tarde, a entrada era franca, mas contando com os familiares de ambas as equipes, foram poucos os torcedores presentes.

3.2.2 Percepções desta etapa

Nesta primeira fase do trabalho, foquei em encontrar com as atletas do São José EC, procurando compreender o sentimento destas para com o futebol e a importância que o esporte exerce em suas vidas. Embora a recepção ao meu trabalho, de modo geral, tenha sido positiva, senti certa desconfiança com a minha constante presença nos treinos.

Inicialmente, achei que tal desconforto de algumas atletas era resultado de uma proposta incomum feita por um, até então, totalmente desconhecido. Com tempo e a minha frequente presença, pensei que a relação melhoraria o que me renderia um bom número de entrevistas. Entretanto, este sentimento das futebolistas não diminuiu, sendo poucas as que toparam falar comigo.

Entre as conversas com Patrícia e Maglia, procurei outras jogadoras para participar do meu trabalho, mas ou elas respondiam que “não tinham tempo” ou ignoravam o convite. Minha impressão era de que as atletas temiam perguntas invasivas, inclusive sobre orientação sexual. Procurando explorar a questão de gênero na presença feminina no meio esportivo, principalmente no futebol onde se predominam homens, percebi que abordar tal assunto poderia aprofundar preconceitos e intensificar possíveis estereótipos. Além disto, era grande a inibição das jogadoras para tratar do assunto.

No dia 27 de junho, recebi um e-mail confirmando a possibilidade da professora Hideide em assumir a orientação do meu trabalho. Desta forma, combinei um retorno à Viçosa para tratarmos desta possibilidade e traçarmos novos rumos ao trabalho.

3.2.3 Segunda Viagem

Encontrei com a professora Hideide no dia 11 de julho, semana após o Intercom que aconteceu em Bauru. Nesta conversa, acertamos o papel de orientadora e definimos novos rumos para o livro-reportagem. Ficou decidido uma nova viagem a São José dos Campos para conversar com membros da imprensa local que trariam uma diferente perspectiva do futebol feminino ao livro-reportagem. Inclusive, a organização do produto, anteriormente pensada em perfis das jogadoras, mudou para um texto contínuo dividido por temáticas que poderia abranger a modalidade de uma maneira geral.

No mesmo dia, retornei à minha cidade natal e procurei contato com diferentes veículos de imprensa. Primeiramente, procurei a prefeitura do município, responsável pelo suporte financeiro da modalidade. Procurando o secretário do esporte, fui informado que a responsável pela supervisão do setor futebolístico era Cláudia Pedroso, que estava de férias. A supervisora retornaria às atividades junto a Prefeitura apenas no dia 25 de julho, pensando ser uma data muito distante, lhe mandei via e-mail algumas perguntas, respondidas no dia 29 de julho.

Enquanto aguardava as respostas de Cláudia, escolhi as mídias que buscava conversar para decifrar alguns aspectos da cobertura esportiva na cidade. Foram elas: no impresso, o jornal *O Vale*, o maior da microrregião do Vale do Paraíba com sede na cidade de São José dos Campos. Na televisão, o programa *Jogo Aberto Regional* que vai ao ar pela Rede Band Vale e, por fim, na internet a página da filial da Rede Globo, *Globoesporte.com*, um dos líderes de acesso na região.

Em um mesmo dia, visitei a sede do jornal *O Vale* e da *TV Band Vale* para encontrar o contato da equipe de esportes, visto que tal informação não era encontrada pela internet. Com o telefone de ambos, agendei uma conversa, separadamente, com João Paulo Sardinha (17 de julho), editor-assistente do caderno de esportes no impresso e Andressa Lopez (23 de julho), apresentadora do *Jogo Aberto Regional*.

Buscando curiosidades do futebol feminino, no dia 15 de julho, visitei a exposição “Estrelas do Futebol – o segredo está nas vitórias”, organizada no Museu de Esporte de São José dos Campos. Lá, encontrei uma placa que trazia informações sobre a origem do futebol feminino na cidade. O texto era de autoria do pesquisador Valter Brazão, um dos responsáveis

por monitorar as visitas ao espaço. No dia seguinte, 16 de julho, retornei ao Museu para conversar com o senhor Valter sobre esta trajetória. Foi ele quem me passou o contato de Selma Profício, primeira treinadora da modalidade e incentivadora do futebol entre as mulheres na década de 80. Seu Brazão me disse que poderia encontrá-la na Câmara Municipal. Após nossa conversa, fui imediatamente atrás de Profício, mas ela não se encontrava no gabinete da vereadora Renata Paiva. Sueli, colega de serviço de Selma me passou o telefone da ex-técnica. Quando liguei, acertamos de nos encontrar já no dia seguinte, 18 de julho.

Um dia antes de conseguir conversar com Profício, porém, fui novamente até a sede do jornal *O Vale* para me encontrar com João Paulo Sardinha. Preparado com um pequeno roteiro de perguntas especificamente para os membros da imprensa, pude perceber as especificidades da cobertura esportiva no jornal, tais como: a necessidade de falar sobre os quatro grandes times de São Paulo, o pouco espaço, a identificação com o público que acompanha o basquete, entre outras.

O contato com o *Globoesporte.com* foi facilitado por um amigo jornalista que trabalha na TV Vanguarda, Pedro Melo. Foi Pedro quem me passou o nome da equipe de repórter do site e do editor-chefe Silas Pereira, com o qual entrei em contato no dia 17 de julho, por meio de uma rede social.

Dia 18 de julho retornei à Câmara Municipal para conversar com Selma, mas ela não estava presente, tinha saído para um serviço externo. Uma colega de Profício chamada Sueli me disse para voltar no dia seguinte, fornecendo-me um número de telefone para o qual deveria ligar um pouco mais cedo para confirmar. Encontrei-me com Selma Profício na manhã do dia seguinte, 19 de julho. Foi ela quem me apresentou a cronologia da origem da modalidade aqui em São José dos Campos, visto que a primeira equipe a ganhar destaque na região, o Raios do Sol, foi treinado e montado pela treinadora. Sua história nos gramados começou em 1984 e, passando por grandes dificuldades, ela me descreveu como era ser futebolista em uma época quando o machismo dominava.

No dia 23 de julho, retornei a sede joseense da Rede Band Vale para conversar com Andressa Lopez. Antes de conversarmos, ela me apresentou o local e me apontou uma sala reservada para fazermos a entrevista. Apresentando o *Jogo Aberto Regional* desde 2009, ano de criação do programa, Andressa está acostumada ao mundo esportivo, tornando-se referência jornalística da área. Ela me falou sobre aspectos como o cuidado ao posicionar-se,

buscando evitar algumas gírias. Como ela mesma disse: “Eu preciso lembrar de que eu sou uma mulher falando de esportes”.

Minha última entrevista antes de retornar a Viçosa aconteceu no dia 24 de julho com Silas Pereira, editor-chefe da página *Globoesporte.com/vale*. O site, existente há um ano, tornou-se líder de acesso na região e conta com uma dinâmica mais livre na cobertura esportiva se comparada ao jornal impresso e a televisão, principalmente por não possuir limitações como o espaço físico da página ou o tempo na grade de programação.

Após esta entrevista, retornei a Viçosa onde, junto à professora Hideide, comecei o processo de organização do livro-reportagem.

3.2.4 Percepções desta etapa

O contato com a mídia esportiva joiense me deu a percepção de como modalidades como o futebol feminino são encaradas na região. Contando com apoio das prefeituras, os esportes olímpicos possuem pouca divulgação se comparado ao futebol masculino, que segue sendo o “carro-chefe” das publicações. Na cidade, o basquete ganhou grande destaque após anos de boa campanha, mas o futebol entre as mulheres, mesmo com quatro títulos nos últimos três anos, segue segregado.

O motivo para tal desinteresse da mídia, de modo geral, é a pouca participação do público, tanto que apenas em jogos finais ou grandes competições, como a Libertadores de 2011, as meninas da Águia garantem destaque na cobertura esportiva.

As conversas com Valter Brazão e Selma Profício foram essenciais para o entendimento histórico do esporte na cidade, principalmente porque são poucos os registros encontrados sobre a modalidade. O Museu do Esporte, apesar das poucas informações do passado do futebol feminino em São José, me instigou a procurar Profício e, assim, entender a trajetória feminina nos gramados joienses.

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

As decupagens das entrevistas ocorriam ao mesmo tempo em que buscava novos personagens. Desta forma, ao chegar a Viçosa, para elaboração do livro-reportagem, já havia separado as falas das atletas em diferentes temáticas, as quais, sob a orientação da professora Hideide, serviram para montar e organizar o livro-reportagem.

Com estas temáticas em mãos, organizamos o sumário e começamos a elaborar os capítulos, divididos em vários tópicos. A fim de aliviar a linguagem da reportagem, optamos por não colocar algumas especificidades do texto acadêmico, como por exemplo, o ano entre parênteses dos autores utilizados.

Após o término da redação do livro, solicitei por e-mail alguns registros fotográficos, gentilmente cedidos pelo jornal *O Vale* e o site *Globoesporte.com*. Organizei os capítulos e, em seguida, enviei o material para meu colega Bruno Menezes para a diagramação.

O livro foi composto com a fonte Agfa nos títulos, cabeçalhos e subtítulos e Goudy Old Style no texto. No título e subtítulo da capa, foi utilizada a Nueva Std Condensed. A capa e contracapa foram criadas a partir de fotos tiradas pela minha colega Camila Calixto, responsável também por finalizar a arte de ambas.

O texto foi revisado pelos meus colegas Marcos Meigre e Marden Chaves. Após o término do processo, encaminhei o material a uma copiadora da cidade, para que fosse feita a impressão para os três membros da banca examinadora.

3.3.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO – *Meninas da Águia: uma história do futebol feminino*

Número de páginas: 88.

Formato: 14 cm x 21 cm.

Páginas: papel sulfite.

Capa: colorida, papel fotográfico.

3.4 ORÇAMENTO, MATERIAIS E CRONOGRAMA

ORÇAMENTO

Descrição	Valor
Passagens (Viçosa x São José dos Campos)	R\$ 199,60
Passagens Circular	R\$ 30,00
Impressões e papelaria	R\$ 170,00
Total	R\$ 399,60

MATERIAIS

Quantidade	Descrição
01	Gravador de áudio Sony ICD- PX 720
01	Bloco de anotações
01	Pen drive HP 4 GB
01	Notebook Lenovo U110

CRONOGRAMA

	Maio	Junho	Julho	Agosto
Pré- produção	X	X	X	
Produção (entrevistas)		X	X	
Pós- produção			X	X
Revisão				X
Defesa				X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte começou a fazer parte da minha rotina no final da década de 1990, quando a Associação Portuguesa de Desportos me ensinou o que era se apaixonar por um time. Em seguida, por meio do Taekwondo, que durante três anos fez parte da minha vida cotidiana.

Como atleta, meus dias eram longos: cerca de quatro horas era reservada para treinos. Disputei títulos regionais, estaduais, brasileiro e até sul-americano. Viajei para vários cantos do Brasil e descobri as mazelas de estar em um esporte pouco valorizado no país. A vida dentro do esporte me permitiu uma visão diferenciada dos atletas. A partir dessa experiência, eu compreendi que seguir no caminho esportivo é fazer escolhas, abrir mão de muitas coisas, distanciar-se de parentes e, principalmente, ter em mente um foco e segui-lo. Este perfil aproximou o futebol feminino como tema a ser abordado no meu trabalho de conclusão de curso.

Natural de São José dos Campos, acompanhei à distância, nos últimos três anos, os títulos e conquistas das meninas da Águia. Desde o troféu da Libertadores em 2011 até a recente taça da Copa do Brasil (2013). A trajetória de conquista chamou minha atenção, entretanto, a modalidade ainda sofre com o baixo número de público nas partidas disputadas no Martins Pereira.

No momento em que decidi trabalhar este assunto, recebi muito apoio e também reprovação. Para muitos, falar do futebol feminino é tempo perdido, visto que a categoria não conta com habilidade o suficiente para tornar-se atraente e: “mulher não deveria jogar bola”. Esta visão me incentivou ainda mais em tentar construir uma cronologia da atividade no Brasil, assim como compreender o motivo para tal convenção popular.

Em minhas leituras de pré-produção, descobri que o Brasil proibiu, oficialmente, a prática feminina de alguns esportes. Alegando preocupação com a saúde, os políticos escondiam o machismo que dava às mulheres determinados papéis dentro da sociedade, entre os quais o esporte não se encaixava.

A luta pela construção de um novo perfil feminino incentivou milhares de mulheres a questionarem suas funções sociais e exigirem maior participação dentro da sociedade. Como

um dos reflexos destas batalhas, está a presença feminina nos esportes. No Brasil, por exemplo, nos últimos Jogos Olímpicos (Londres – 2012) a delegação de atletas mulheres foi superior à masculina. Entretanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido, principalmente no futebol, espaço associado quase que exclusivamente ao homem.

A luta pela construção de uma nova representação da mulher e a emancipação feminina ainda não chegou ao fim; ela continua na presença das mulheres nos centros acadêmicos, palestras e escritas ou em indústrias, fábricas e escritórios. Também no campo, onde se procura uma vitória que vai além de títulos e prêmios, uma conquista que lhes permita construir outras representações de mulher e do feminino, em meio a bolas, chuteiras, suor e algumas lesões.

Cabe ainda refletir sobre um tema específico: a sexualidade. Apesar de esta temática traspasar o trabalho em diversos momentos (desde sua pré-produção até as entrevistas e elaboração do livro-reportagem) foi compreendido que abordá-la de modo mais específico poderia intensificar alguns preconceitos que permeiam o futebol feminino.

Como percebido ao longo das pesquisas e conversas com jogadoras, personalidades e jornalistas, o ambiente esportivo ainda é cercado de machismo, predominando conceitos estereotipados como: quem joga futebol fica masculinizada. Ao debater o assunto em roda de amigos, inclusive, fui questionado diversas vezes sobre a orientação sexual das atletas, dando notória importância a um assunto que vai além da questão esportiva.

Procurando focar na trajetória esportiva e na representação feminina em um ambiente “masculino”, tornou-se uma opção redacional deixar a discussão sobre a sexualidade das atletas em segundo plano. A orientação sexual da jogadora não a descaracteriza como atleta ou diminui sua habilidade, muito menos os sacrifícios que são necessários para viver dentro dos gramados.

É na batalha diária de um esporte desvalorizado, muitas vezes pela própria mídia esportiva e federações que deveriam apoiá-lo, que as futebolistas tentam ganhar a vida. Fato é que muitas ainda precisam conciliar os treinos a outro emprego, sonhando com uma possível transferência para um time da Europa ou outro centro que as valorizem.

Em São José dos Campos, onde os resultados da modalidade transformou o São José EC em uma referência nacional, a mídia local ainda reluta para tratar a categoria com a mesma abordagem e profundidade do futebol masculino. Apoiando-se no pouco interesse público nas partidas entre as mulheres, os jornalistas esportivos não dão às futebolistas o necessário destaque.

O cenário midiático reflete o ambiente esportivo masculinizado. Entre os profissionais da área em três diferentes veículos (TV Band Vale, Globoesporte.net e jornal O Vale), destaca-se apenas uma mulher: Andressa Lopez. Ela me confessou que depois de meses de adaptação retirou de sua fala algumas expressões que o telespectador considerava “feias” para uma mulher dizer.

Esta preocupação e a pouca presença feminina nesta área do jornalismo são exemplos da difícil tarefa da mulher em frequentar o mundo esportivo. São várias as limitações que acabam por serem reproduzidas no cenário jornalístico local e poucas vezes confrontadas.

A presença feminina em “locais e papéis masculinos” precisa ser amplamente debatida. É necessário apresentar esta discussão tanto na academia quanto nos cenários jornalístico e esportivo, visto que nestes três ambientes a representação da mulher pode ser fomentada e transformada. Cada pessoa (acadêmicos ou profissionais do esporte e da mídia) possui uma contribuição importante e específica que pode alterar para melhor o panorama feminino atual. No entanto, esta participação depende do engajamento e percepção da importância da mulher nos diversos espaços sociais.

No esporte, apesar da evolução dos últimos anos, o futebol feminino ainda precisa ser tratado como um esporte de alto rendimento. Este trabalho procura não apenas mostrar as dificuldades com que as futebolistas convivem, mas exaltar a forma como superam todas as dificuldades. Elas são chamadas de meninas da Águia, mas podem ser facilmente confundidas com verdadeiras guerreiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-BIASOLI, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. São Paulo. Vol. 16, n.3, p.233-239, 2000.

ANDRADE, Joana El-Jaick. A social-democracia clássica e a emancipação feminina. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília. n. 2, p. 159-191, 2009.

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHEREM, Eduardo H. L.; OLIVEIRA, Gilberto; TUBINO, Manoel J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. In: **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Rio de Janeiro: Ed. Universa, vol. 16, n. 2, p. 117-125, 2008.

COSTA, Patrícia Lino; GARCIA, Lúcia Santos; RODARTE, Mario Marcos Sampaio. Emancipação feminina e novos arranjos familiares nas regiões metropolitanas brasileiras entre as décadas de 1990 e 2000. In: **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu (MG), 2004.

DARIDO, Surayna Cristina. **Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica**. Rio claro (SP), 2002.

FEIJÓ, Carine Fraga. **Futebol feminino: apontamentos sobre motivações e dificuldades para uma equipe desta modalidade**. Porto Alegre (RS), 2011.

FERREIRA, Heide Jancer; SALLES, José Geraldo do Carmo; SOUSA, Douglas Alexandre; MOREIRA, Nayara Clara Lopes; ZEFERINO, Jaqueline Cardoso. Preconceito de gênero: A visão das atletas de futsal feminino. In: **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Viçosa. vol. 9, n.2, 2010.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para um história das mulheres no país do futebol. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. vol. 25, n. 50, 2005.

FRIAS, Maria Cristina. Mulheres presidentes ainda são poucas no país. **Folha Online**. São Paulo, março 2013. Coluna Mercado Aberto. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/mercadoaberto/1242698-mulheres-presidentes-ainda-sao-poucas-no-pais.shtml>>. Acessado em 20 de julho de 2013.

GOELLNER, Silvana Viladre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: **Revista brasileira de Educação Física Esporte**. São Paulo. vol. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Viladre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. In: **Pensar a prática**. Porto Alegre. vol. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

HONORATO, Bruna Barbosa. **Do outro lado da grade: perfis do cárcere**. Viçosa (MG), 2013.

JABLONSKI, Bernardo. Papéis conjugais: conflito e transição. In: CARNEIRO, Teresinha Feres (org.). **Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal**, p. 113-123, 1996.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, ed. 2, 1995.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. In: **Revista Brasileira Ciência e Esporte**. Campinas.vol. 26, n. 2, p.73-86, 2005.

MOREL, Márcia; SALLES, José Geraldo. Futebol Feminino. In: **Atlas do Esporte no Brasil**. DACOSTA, Lamartine (org.). Rio de Janeiro, 2006.

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado do trabalho**. Florianópolis, 2003. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acessado em 23 de julho de 2013.

SARDINHA, Danilo. De metalúrgico a técnico: Márcio Oliveira quer reformular a seleção. **Globoesporte.com/vale**. São José dos Campos, dec. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2012/12/de-metalurgico-tecnico-marcio-oliveira-quer-reformular-selecao.html>>. Acessado em 20 de julho de 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. **Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro**. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03.pdf>>. Acessado em 15 de julho de 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. In: **Estudos feministas**. Florianópolis. p. 35-50, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003>. Acessado em 15 de julho de 2013.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. **A mulher e o voto**. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/web/eleicao/mulher_voto.htm>. Acessado em 23 de julho de 2013.

ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTA - Andressa Lopez (Apresentadora do *Jogo Aberto Regional*)

1) Há quanto tempo você atua como jornalista esportivo?

Na área esportiva faz quatro anos.

2) Você chegou a participar de outras áreas?

Sim, eu fazia... na verdade eu comecei como locutora, nas rádios, na verdade eu era do marketing, promoções e festas das rádios daqui da Band, depois eu fui para a parte de locução no estúdio, depois eu fui para a rua fazer locução, e aí depois eu acabei indo para a parte jornalística na TV, mas daí eu fazia mais a parte de... de... do social mesmo, por exemplo, que aqui a gente tem o programa da Solange Moraes que é o *Falando Nisso*, que fala com um outro tipo de público que é de variedades... programa de variedades, né? Não tinha absolutamente nada a ver com o esportivo. O jornalístico mesmo, eu não cheguei a fazer. Já cheguei a fazer algumas matérias para o jornal, mas depois que eu já tinha entrado no esporte, precisou de alguém, precisou de mim daí eu fui lá e fiz. O esporte mesmo que entrou com tudo na minha vida.

3) E como você adaptou a sua linguagem?

É, na verdade assim, eu sempre gostei muito de esportes, né? Então é... foi muito mais rápido essa minha adaptação, sair da rádio, é... como eu fazia a parte do ‘pop-rock’ que a gente costumava a dizer nas rádios assim, então era uma locução muito rápida, uma fala muito rápida, com poucos detalhes, com pouco informação. Daí a gente, eu fui para a parte do promocional, que era onde a gente fazia os flashes das ruas, eu fazia na Band Vale que é um pouco mais devagar, um pouco mais lento, pausado, que você passa mais informação. Daí depois veio a Nativa que é uma coisa totalmente popular que você carrega a pessoa no colo para falar. Então quando para a TV, essa habilidade, essa agilidade de mudar de um jeito de falar para outro, eu já tinha. De impostar mais a voz quando for falar uma coisa mais séria, de falar mais pausado ou de ter que falar um pouco mais rápido. E na TV, assim como é na rádio o “ao vivo” como é o nosso programa aqui, você tem que... às vezes você não tem mais tempo de falar, fizeram a contagem errada ou entrou um comercial a mais, e aí você tem que falar aquela informação que você falaria tranquilamente, você vai falar um pouco mais rápido, mas sem deixar de passar o conteúdo e tem que falar aquilo que foi programado para fazer. Então essa minha adaptação, lógico que não pude demorar muito porque quando surgiu o projeto ficou empacado uns seis meses, mas quando foi, foi mesmo, em quinze dias já estava o estúdio pronto e aí já entramos no ar. E aí o que que faz? A gente tem um editor que escreve o programa, né? E aí a minha parte de apresentação o que que eu faço? Eu tenho que adaptar do jeito que eu falo e eu não posso esquecer que eu sou uma mulher falando de esportes, então eu não posso falar um: “Ah, o cara meteu a bola”, “o cara deu a bica na bola”, tem coisas que o público masculino e o feminino que está assistindo o programa eles não vão achar legal eu falar: “Poutz, a

Andressa foi e falou que o cara meteu a mão na bola”. Eu não posso falar, eu não posso falar, vou falar que “o jogador colocou a mão na bola, colocou a mão na frente e cometeu o pênalti”, eu não posso usar o mesmo termo masculino usado porque para mim, mulher, vai ficar feio. Então essa parte assim, no começo foi meio difícil de pegar, mas na parte tática e essas coisas assim já era... eu já sabia porque eu assistia e gostava e estava dentro do meio esportivo, mas a adaptação foi assim, eu acho que durante uns três meses eu dei uma... eu tive uma dificuldade, aí para poder... já ia falar outra coisa, já ia falar gíria já. Tive alguma dificuldade de acertar, mas com três meses em diante eu já consegui acertar as coisas.

4) Como surgiu a ideia e construção de fazer o Jogo Aberto Regional?

Na verdade, nós temos em São José dos Campos a parte da rádio e um estúdio de TV, em Taubaté nós temos a parte da TV realmente, do jornalismo que fica concentrado lá. Quando Taubaté foi reformado, então fez-se a necessidade de criar novos programas diários aqui que tivessem... que trouxessem mais o público para mais perto da Band Vale, mesmo, para a gente poder ter uma programação diária regional. Daí dentro disso teve a parte dos esportes, que a Band é muito forte nos esportes, daí a gente veio o “Jogo Aberto”. Como tudo na Band é padrão, é... Usam-se o mesmo nome, coloca-se o “Vale” porque é daqui, mas tem o “Jogo Aberto Campinas”, “Jogo Aberto Bahia”, tem o “Jogo Aberto Rio” que às vezes faz mesclassem com o da Renata Fan e Denílson, por exemplo, então a gente segue um padrão. Algumas outras emissoras, por exemplo, de acordo com o público... emissoras assim que eu digo, as filiais da Band, né? Eles mudam um pouco o formato do programa de acordo com o público: “não funciona isso, a gente vai partir para o outro lado”. Tem programas que tem até bonequinho falando, não é o nosso caso aqui. O nosso caso aqui, como nosso público pede a parte de esportes mesmo, é um pouco mais rígido, não gosta muito de ficar brincando, de ficar fazendo piadinhas, essas coisas. Eles gostam da parte técnica e do convívio com o atleta, da parte de você ser um pouco mais íntimo do atleta que é o que a gente tenta buscar também. E aí surgiu essa parte de fazer o “Jogo Aberto” para trazer o público do Vale próximo, porque a gente tinha os times de futebol, de basquete, de vôlei, de handebol, tinha a estrutura de esportes de alto atleta... é... de atleta de alto rendimento que são os solos, né? Como o atletismo, as corridas, então a gente viu uma necessidade e criou esse programa para atender essa necessidade e o público aceitou muito bem. Aí foram uns seis meses até acertar tudo, quem ia fazer, o quê ia fazer, acertar a equipe, para poder engajar direitinho e quando deu o start, foi o que te falei, cerca de 15 dias e a gente já estava no ar.

5) Este formato com o comentarista quebrando a sequencia de matérias, foi elaborada em razão dos anseios do público?

É, a gente seguiu o padrão de São Paulo que onde tinha o comentarista. É... A gente sabe que aqui no Vale, é... por exemplo, quando a gente começou era o Neto e a Renata, o Neto ele tem um jeito mais agressivo de dizer e quando a gente convidou o

Carmo para fazer o programa junto, ele já disse: “Olha eu não sou assim e não vai rolar”, e até foi muito bom porque o público daqui não gosta muito, tanto que a gente... a gente já chegou, em alguns dias, por exemplo, trocar o Carmo, porque o Carmo precisou fazer uma matéria externa ou cobrir alguma parte da rádio e usamos outro comentarista e, às vezes, o cara é mais incisivo no comentário e as pessoas não gostam. Por quê? Porque aqui... a gente é interior. Então a gente acaba criando uma intimidade com o atleta, então eu não posso dizer que o atleta... partir para o lado pessoal, porque eu... a gente está falando do trabalho dele, não estamos falando do lado pessoal dele. Se o cara saiu, se o cara foi num churrasco, se o cara foi almoçar com... a gente não tem nada a ver com isso, o rendimento dele tem que ser dentro de quadra. E na parte de São Paulo com o Neto, ele confundia muito essas coisas: “Ah, o cara não jogou bem porque na noite passada o cara estava na balada”, problema é dele, jogador de futebol vai para a balada mesmo isso daí está todo mundo cansado de saber. E isso é o que a gente tenta fazer diferente aqui. Então o Carmo veio das rádios, né? Ele comandava a rádio Bandeirantes, na parte de esportes. É um cara que sabe tudo, tudo de esportes, eu brinco que ele tem *pendrives* espalhados pelo corpo, assim, os dentes dele são *pendrives* por que ele tem uma memória fantástica para coisas de antes, de agora e... a visão de futuro mesmo do esporte que é incrível, então ele é uma pessoa excelente de trabalhar e a gente coloca esse formato de passar uma matéria e colocar um comentário ou, de repente, uma nota porque justamente no esporte está acostumado a assim, joga a matéria e às vezes aquilo fica vago. Então a pessoa que está assistindo e acabou de pegar não enten... “Opa, mas esse atleta tava fazendo o que mesmo? Mas o Taubaté perdeu para quem mesmo? Que campeonato que é esse? Mas porque que o campeonato não teve turno e retorno”, e é isso que a gente explica. Porque por mais que o cara entenda, às vezes muda a regra do campeonato e a gente passa a explicar isso também: “Oh, é turno e retorno, o cara vai voltar e ainda vai jogar, então você ainda vai ter um jogo ou aproveita que só tem esse jogo que é clássico e é agora”, então isso a gente tenta explicar para tentar atrair o público tanto para os estádios e para as quadras e atrair o público para a gente também.

6) Como é a dinâmica da cobertura esportiva para o programa?

É, na nossa dinâmica ela é, na verdade, bem apertada porque a gente usa a equipe do jornalismo. A gente não tem uma equipe específica do “Jogo Aberto Regional” porque isso gera muito gasto e para a empresa não é interessante. Então como o profissional... o jornalista ele tem essas facetas de ter a obrigação de mudar rapidamente, então a gente usa a equipe do jornalismo que faz as matérias do “Jogo Aberto” também. Então, muitas vezes, por exemplo, essa é a época que o Papa veio para cá, a gente sabe que vai ficar mais apertado, que vai faltar matéria para a gente. A gente não vai conseguir cobrir um jogo, a gente não vai é... tá num jogo que de repente seria necessário e seria muito importante para a gente passar, aí o que a gente faz? A gente vai chamar algum entrevistado daquele jogo, algum jogador importante daquele jogo, um técnico daquele time que vai... disputar aquele jogo no fim de semana, para a gente

não ficar sem mostrar o que é importante, mas trazer um cara de importância também para que o público não fique... não fique faltando com o público e a gente não fique sem mostrar aquilo que é mais interessante, no caso, no momento, ou por causa do campeonato, ou por causa do momento que o time tá vivendo, ou por causa do atleta e aí a gente tenta burlar essa parte trabalhando desse jeito. O melhor mesmo seria ter uma equipe só para a gente porque daí a gente conseguiria fazer as duas coisas: trazer um bom entrevistado e fazer uma matéria boa de um assunto específico, mas enquanto não dá a gente vai fazendo desse jeito e vai dando certo.

7) Esses convites para entrevista no estúdio também dependem da pauta? Lembro que o secretário de esportes do Taubaté chegou a vir recentemente.

É... Geralmente, na verdade, no esporte é tudo um pouco mais natural. Tanto na parte... você vendo o que funciona e vai indo. Muitas vezes... por exemplo, o atleta veio do Azerbaijão que foi no campeonato de jiu-jítsu lá, isso para a gente de repente pode esperar um pouco, o cara veio hoje, então eu posso pedir para ele vir semana que vem aqui ou fazer uma matéria com ele. Quando se trata de parte de política, que há investimento no esportes como a gente trabalha com as prefeituras dando oportunidades para os esportes, com as leis fiscais de incentivo, então quando o negócio está feio, os políticos geralmente não vem. A gente, para falar a verdade, a gente nem chama muito isso, porque na verdade a gente já sabe a parte ruim, como a gente já sabe a parte ruim cabe a gente passar isso, a gente não precisa que ninguém comprove porque a gente já está passando ou pego uma informação ou outra. Porque o bom do esporte é você passar o lado positivo, mostra-se o lado negativo, mas o que vai resolver? “Ah, precisa fazer isso, isso e isso”. Aí a gente faz o contato com eles, ou com o pessoal dos times, ou com o pessoal da prefeitura. No caso de Taubaté, por exemplo, foi fantástico! Porque a gente tinha acabado de perder Pindamonhangaba, o que para a gente é péssimo porque lá, inclusive eles estavam, digamos assim, pegando os atletas de São José que estavam precisando de um pouco mais de ajuda aqui e eles foram para lá. Até a própria Fabíola Molina foi para Pindamonhangaba também. E depois de todo esse reboiço, de vir aqui e pegar atleta, daí acaba porque mudou a prefeitura e aí todos os atletas correm risco. Sempre que há uma mudança de prefeitura os atletas ficam meio receosos, os times ficam receosos porque dependem muito das prefeituras, as rádios dependem muito das prefeituras, a imprensa depende para que eles possam fazer... tem atleta, por exemplo, jogadores que a gente precisa contatar a secretária de esportes, depois o time... o técnico ou diretor do time para depois contatar o atleta. Então é uma volta grande ou, às vezes, eu falo com o atleta primeiro: “Opa tudo bom? Pode vir?”, “Posso” daí então eu vou fazer a volta, na hora que chega no time, no técnico: “Ah, mas eu tenho que ver se o atleta vai querer ir” “Não, ele pode vir, eu já falei com o atleta”, “Então tá liberado, pode ir”. Então tem todo um atleta que quer vir? Ele vai conseguir falar? A secretaria de esportes liberou? O patrocinador acha legal? Então... agora que a gente tem um tempo a mais então é tudo

mais liberado, mas no começo a gente fazia uma volta danada para chegar no entrevistado do dia.

8) Nossa região os times são resultados de investimentos das prefeituras, mas não há garantias de continuação se mudar de partido, isso acaba limitando os times?

Na verdade, o ideal seria que os times, os atletas todos andassem com as próprias pernas, o que seria isso tem lá as empresas e os patrocinadores os ajudando dentro dos contratos lá lá lá... para os patrocinadores surgirem aí entra a parte da prefeitura com a LIF, que é a Lei de Incentivo Fiscal que algumas prefeituras trabalham com isso, tiram-se alguns impostos do patrocinador para pagar e dentro disso ele investe no esporte, né? E aí entra a parte da prefeitura também. Por exemplo, basquete em São José dos Campos, Taubaté, Jacareí tem apoio da prefeitura, então não se pode cobrar ingressos para as entradas nas partidas, o que se não tivesse ajuda da prefeitura seria muito bom para o time. Porque você faz... educa os torcedores a pagarem a entrada, nem que seja simbólica, cinco reais, dez reais, para que o time tenha uma verba a mais para poder manter o próprio time, porque isso é muito bom, isso funciona em todos os esportes de elenco. E aí quando entra a prefeitura, aí não se pode fazer isso, e aí entra uma parte da verba da prefeitura e quando muda-se de partido, aí entra outro problema, porque o partido específico que entra na gestão da cidade ele não é... não é do histórico dele investir no esporte, já o outro sim. Por exemplo, aqui a gente tem o PT, o PT não é do histórico dele investir em esporte, mas o PSDB sim. Mas houvesse uma promessa de permanecer investindo em esportes, tanto é que ele... Carlinhos, o prefeito, foi cobrado por isso. Pelos próprios torcedores, pelas próprias... que votaram nele, aí ele teve que voltar atrás e investir no esporte. Mas o ideal mesmo é que cada time consiga andar com suas próprias pernas e que ele tenha o apoio da prefeitura por trás, mas que tenha que caminhar com as próprias pernas porque aí a gente não tema interferência de absolutamente nada, o time tem patrocinador? Tem, então o time existe. Se não tem, não tem, mas daí também entra o problema como no vôlei, por exemplo, o Vôlei Futuro de Araçatuba que acabou. Era um time fortíssimo, que tinha um patrocinador super forte que era dono do time e acabou. Daí a gente vê Giba, a gente vê vários jogadores importantes que não tem time para jogar. E não tem time não é porque não tem time, mas é porque não tem estrutura financeira para bancar um cara desses, por que ele não vai receber cinco mil reais que é o salário de um atleta que começa ou até menos. Ele vai ganhar 70 mil reais, 100 mil reais e tem que ter estrutura para um atleta dele, que é mais velho, consecutivamente a estrutura física dele precisa de mais investimentos, precisa de fisioterapeuta, de condição, ele precisa de um trabalho específico para ele e não com o elenco inteiro, então isso é muito custo e tem que ter muito profissional capacitado para fazer isso, então são muitos detalhes que às vezes não chegam até os torcedores, que às vezes a gente tenta é passar isso para a pessoa entender: “Olha, o cara tá saindo daqui não é porque ele não quer, é porque não tem estrutura financeira para manter ele aqui”. Acabou, o cara vai jogar em outro time, ele não tá sendo casaca, ele tem que... é o trabalho dele (**Giu: É o mérito dele**) Exato,

é o mérito dele. “Ai a prefeitura acabou com o time”, acabou porque não tem verba, essa verba está indo para algum lugar, daí tem que cobrar da prefeitura, o que não é o nosso trabalho! A gente... é o trabalho de mostrar isso e dizer o que precisa ser feito, é... a parte de cobrança fica para quem votou e para a gente como cidadão, não como parte de imprensa.

9) Aqui em São José a gente tem a FADENP...

É, essas organizações que surgem agora, a gente também tem a OS que também foi criado um super problema em cima do basquete, era a coisa mais simples do mundo. Teve um problema de ego, né? De algumas partes que não cabe a gente citar, até porque o problema já foi sanado, mas criou-se um mal estar em um time que estava perfeito onde simplesmente a OS seria criada para arrecadar verba além da prefeitura. Justamente porque já se sabia que ia entrar um outro governo e que nesse governo o investimento em esportes é reduzido, então foi criado um negócio absurdo em uma coisa que era para resolver o problema, não só do basquete, como do futebol feminino, do masculino, de tudo. Então esse tipo de organização como a Fadenp, a OS, algumas ligadas às prefeituras ou não, elas são importantes, mas são organizações também nas quais você tem que ficar de olho por que vai se ter cargos, vai se criar salários e vai ser mais uma coisa para poder se... mais um... mais pessoas para se ter investimentos para poder bancar tudo aquilo. Então é tudo muito complicado...

10) Em uma região com considerável investimento nos esportes como o Vale, como vocês estabelecem suas pautas?

É, para a gente é um pouco complicado. É óbvio que a gente também percebe a participação do público nos jogos, né? Então o basquete é muito forte, não só em São José, mas também em Jacareí apesar do time não ter um bom rendimento, mas o pessoal gosta e aí cresce a rivalidade porque no mesmo campeonato tem São José e Jacareí, né? E agora em Taubaté a gente tem o time de vôlei que era de Pindamonhangaba, que a faculdade de lá ajudava junto com o time que... não era da prefeitura, mas a prefeitura ajudava também e veio para Taubaté por conta da mudança de gestão. E isso vai trazer... porque é um campeonato a nível nacional, vai vir jogador de fora que a gente está acostumado a ver na televisão só. Então vem atletas para a aquela sua quadra que cabe 200 pessoas assim e isso traz o público para mais perto. Mais perto do time, que passa a torcer para o vôlei e mais perto da gente também. Porque a gente tá mostrando aquilo que é importante, coisas que você só vê fora, na parte das emissoras que... Brasil, você vê no Vale. “Pô, os caras tavam jogando aqui”, o cara que você vê jogando na seleção jogando a Superliga ou a Liga Mundial, ele vai tá aqui! Ele vai tá aqui em Taubaté, ele vai estar hospedado em Taubaté, então isso gera um burburinho muito grande, uma curiosidade muito grande em saber “como é que o meu time de Taubaté vai se comportar diante de um cara que é do Sesi, de um Giovani que é técnico do Sesi”, então tem todo um, por trás daquela tietagem saudável, que é do esporte e que é muito boa, uma curiosidade de saber como

é que o time vai se comportar e a torcida porque “apesar de ser o meu time pequeno daqui, eu tô jogando pau a pau com os caras”. Então isso para gente... a gente vai vendo assim, é uma coisa natural, a gente recebe e-mails, recebe: “Pô vocês fizeram matéria com o vôlei que legal” ou “Oh! Faz matéria com Taubaté”, “Faz matéria com Pinda”, “Aqui a gente tá precisando de ajuda”, então a gente vai tentando fazer isso de acordo com a importância dos campeonatos também.

11) Há preocupação em cobrir a maior variedade de esportes possível?

Sim, há sim. Daí junto que a gente tem pouco tempo de programa, mas também se fica uma hora de programa também, fica maçante. Fica complicado. A ideia ideal é... talvez se a gente tivesse um bloco a mais, aí seria perfeito, né? Mais dez minutos por dia, mas isso é inviável para a gente hoje em dia, então a gente tem que trabalhar com o que a gente tem e a gente gosta de mostrar, lógico o futebol, o basquete, o handebol, o vôlei, eles são esportes que as pessoas estão muito mais acostumados a ver, não só na TV, mas nas rádios e acompanhar também nas quadras e nos campos. Mas tem muitos outros esportes também que tem muita gente que pratica, corrida, por exemplo, tem muita gente aqui no Vale que é muito forte. Mas para a gente fazer uma matéria de corrida é difícil, porque não tem como acompanhar um atleta durante a corrida, então como é que eu posso fazer e mostrar isso? Então a gente, às vezes, sorteia inscrição de corrida, faz a matéria com o atleta antes ou faz depois, depois mostra ele no pódio. Mas a gente tem essa preocupação de mostrar pelo menos um pouquinho de cada coisa, a gente mostrou já esportes que não são nem considerados tão esportes assim, é... como um racha de motos que aconteceu na serra de Caraguatatuba, entendeu? “Ah, mas isso daí não é esporte!”. Não é esporte talvez para você, mas para quem pratica, o cara tem que ter um preparo físico, ele tem que ter uma preparação de alimentação, ele tem que ter uma disciplina, para ele poder chegar, talvez, naquele racha que não é tão esportivo, mas têm regras aquilo, tem disciplina. Então tudo que envolve disciplina, regras, táticas, técnicas envolve o esporte, então a gente vai mostrar, também, algumas coisas que fogem do comum.

12) Atualmente o futebol feminino, aqui em São José dos Campos, tem conquistado resultados mais expressivos, isto garantiu ao esporte um maior espaço na mídia?

Fez, fez sim. Porque o futebol feminino, eu me lembro até quando a gente começou o programa, o futebol feminino ele já era forte porque nós tínhamos atletas como a Bagé capitã da seleção brasileira já há muitos anos, nós já tínhamos ela aqui, mas isso não era divulgado. O pouco que se tinha era do futebol masculino e olhe lá! Não se falava dos atletas, falava-se do jogo em si: “1 a 0 aqui, 0 a 0 ali, num subiu, num desceu para a Série, continua na mesma divisão”, entendeu? Não se falava dos atletas, do por que, porque que num foi, o quê que não deu certo, faltou investimento, faltou... não? Fala do resultado, o torcedor achava aquilo bom ou ruim aquilo de ter ganhado ou perdido e mais nada. Então quando a gente começou o programa aqui e começou a falar do futebol feminino, para eles isso também foi muito bom, porque isso gera patrocínio

para o time, visibilidade, até um próprio sorteio de camisa aqui com o atleta vindo aqui vestindo a camisa do time com todos os patrocinadores, isso já gera uma visibilidade para o patrocinador e o patrocinador vai continuar querendo patrocinar aquele time que é vencedor e que também está na mídia. Daí, a partir do momento que a gente começou a fazer, as outras emissoras também passam a fazer: “Opa! Eles estão mostrando ali, deu resultados para eles, então vamos mostrar aqui também” e isso gera uma coisa boa para todo mundo, porque tem a parte da informação da Band, tem a parte de informação do torcedor o que junta tudo e faz todo mundo crescer, o que é sensacional e fantástico. E se tratando do futebol feminino em si, sempre foi uma parte do... um braço do esporte que sempre precisou de apoio. Então esse crescimento que o futebol feminino teve, não só em São José, mas em vários times pelo Brasil inteiro, a gente tinha o Santos também, que agora acabou por falta de investimento, que tínhamos a Marta lá, a Cristiane, a Cristiane que depois veio jogar também no São José, é... tudo isso faz com que o esporte cresça, as atletas sejam consideradas mais profissionais, porque ainda é considerado amador o futebol feminino no Brasil, o que é ridículo! Assim como o rugby também é considerado amador, o que é ridículo, na minha opinião! Mas é um esporte olímpico, vão disputar as Olimpíadas, aí você me diz: “Como é que é considerado amador?”. Porque não tem investimento, talvez de agora desse crescimento, talvez a partir de agora com a seleção brasileira, com essa reformulação que teve de técnico, de jogadoras e vindo jogadoras novas que é o que eles estão fazendo agora, talvez ganhando uma Olimpíadas, talvez quem sabe as pessoas passem a respeitar um pouco mais. Porque isso vem de respeito do público também, porque se eu não tenho público porque que eu vou passar um futebol feminino na televisão se não tem ninguém para assistir? Mas se eu tenho público, se eu tenho a melhor jogadora do mundo eleita cinco, seis vezes então eu vou assistir: “Oh, eu quero ver se essa mulher sabe jogar!”. “Ah, põe essa mulher para jogar aqui no Flamengo”, entendeu? Porque o rendimento delas é o mesmo!

13) Essa é a minha grande questão assim, porque quando é um jogo do campeonato paulista, uma rodada, vão mais ou menos 50 pessoas. Mas, na final da Libertadores, num domingo ao meio-dia, foram 15 mil pessoas...

Exato! Tudo isso vai de divulgação. A Libertadores tem em si um nome muito forte, né? E como vieram times de fora, o time estava jogando dentro de casa, estava com um rendimento maravilhoso, não perdeu e aí a torcida fica de olho... então... a cobrança de ingressos vou um valor ilusório, se não me engano, dois reais para entrar. Então: “Pô, to na minha cidade, tem a Libertadores, meu time tá jogando, a televisão tá passando, tá todo mundo divulgando”, a gente foi fazer um trabalho com as meninas, foi fazer matéria nos vestiários, na casa delas. Então tudo isso gera uma mídia muito grande, o que leva os torcedores para o estádio, o que é uma pena aqui no Brasil é isso, isso desde a seleção brasileira, com exceção de um Corinthians que o cara se mata mesmo que o time esteja ruim, é... são que: “O time tá bom eu vou, o time não tá bom eu não vou”. E se o time tá bom: “Ah, mas é a Copa Paulista, ah! Eu

não vou não”, “Ah, mas a seleção brasileira não tá ganhando, ah! Eu também não vou”. Aí, o São José feminino perdeu... “Ah, obrigação delas, elas são campeãs da Libertadores, são campeãs da Copa do Brasil, tem que ganha mesmo”, vira obrigação do time vencer e, mesmo sendo obrigação o povo não vai assistir. Porque essa cultura do futebol feminino não pegou no bichinho do gás nas pessoas, entendeu? Eu precisava ter uma Olimpíada, mais um título de melhor do mundo para uma brasileira para que isso se tornasse mais... e o apoio da mídia também que é importantíssimo, a mídia faz... coloca na cabeça das pessoas que aquilo é legal, mostra para as pessoas que o trabalho é profissional e é bom, aí faz com o que torcedor passe a acompanhar, o que dá um gás muito maior para o time também.

14) Até o rugby também, que é um dos maiores aqui de São José dos Campos....

Não, os jogadores a maioria não tem salários, eles jogam por amor à camisa, às vezes até gastam para poder jogar com as viagens, então se tem o trabalho... a gente é a capital do rugby nacional, tem o time é a base da seleção brasileira não só no profissional, mas no super 10, no sevens, no feminino, no masculino sub-17, tem categoria de base que está sendo trabalhada que tem um pouco de apoio da prefeitura, mas os atletas profissionais não tem salários, e aí? Como é que faz? Como é que o atleta vai fazer? Daí tem a parte de... de... de médico, fisioterapia, tem toda essa estrutura. Mas como é que atleta vai trabalhar, vai viver disso, se ele vai ter um bom rendimento, eles são fantásticos! Porque para ter os rendimentos que eles tem são oito vezes campeões brasileiros, nove paulista, fora os outros campeonatos que não são tão divulgados que eles disputam, tem as categorias de base... é... muita informação para a gente falar e eles não tem um respaldo suficiente porque o dinheiro que entra é para a estrutura de base deles, não para o salário. O que é, nossa... lamentável! É horrível... Isso teria que ser, isso a gente bate no programa, fala no programa, mas isso independe da gente, entendeu? E é ruim para o atleta dizer: “Olha eu faço por amor à camisa”. O cara tá lá com a camisa da seleção brasileira no Martins Pereira jogando contra o México, venceu o México de lavada e o cara não tem salário e na seleção brasileira mesmo, se não me engano, alguns recebem para isso, outros não. Então fica muito difícil para o atleta, daí o atleta, por exemplo, um rapaz novo com 22 anos ele joga rugby, ele tá na seleção brasileira e ele vai ter que escolher entre parar e ir trabalhar, ir estudar ou se dedicar à seleção e ao São José, porque não dá tempo. Ele vai ter que trancar a faculdade dele, ele vai ter que parar o que ele tá fazendo... a escola normal talvez ele ainda consiga conversar com os professores, mas uma faculdade se você não vai, acabou. Então ele vai ter que decidir por amor ao esporte, sem receber nada, talvez na esperança de um bom patrocínio ou de alguma visibilidade maior ou contratação por algum time de fora, porque no Brasil é considerado amador. Ou ele seguir a vida dele jogando rugby de vez enquanto, que é o que às vezes acontecia no futebol feminino, o que mudou muito de uns dois anos para cá, com as meninas tendo salários, todo mundo pagando, todo mundo se acertando, e aí passa a ficar mais fácil e melhor também para o esporte. **(Giu: Hoje em dia o São José é referência no**

esporte exatamente por isso, pela condição de pagar salário, de dar uma bolsa assistência às atletas, estudo, muitos clubes não tem isso e também tem aquela preocupação de que o clube pode acabar no final do ano) Exatamente... quando o clube é mantido pela prefeitura, ainda se tem mais garantias de pagamentos, porque por mais que se atrase alguma coisa ou outra, mas aquilo vai ser pago, porque a prefeitura tem que pagar. Quando o time é, por exemplo, assim como o Flamengo no basquete ou no futebol, tá devendo para todo mundo e eles continuam contratando, então você corre o risco dos atletas... por exemplo, muitos atletas daqui não foram para o Rio de Janeiro, para o Flamengo, na temporada passada, porque o Flamengo estava devendo para todos os seus jogadores, né? Isso foi acertado depois, mas tava devendo. Então aqui mesmo com o contrato só acertado meio de boca, o verbal: “Não você vai ficar mais uma temporada aqui”, mas o contrato não tá feito, não tá assinado ainda. Mas eles tem a segurança de que eles vão receber, tanto pela confiança, pela credibilidade e pelo trabalho sério feito pela diretoria do time, quanto da prefeitura municipal que tá ajudando o time, então é um pouco mais fácil.

15) Como condensar em pouco tempo tantas cidades e esportes?

É, a gente fica falho, né? A gente acaba falhando com muitos esportes, muitos atletas, a gente recebe muitos e-mails de atletas do... judô de atletas que vieram de fora e a gente não consegue comportar tudo isso no programa. Primeiro porque a gente não tem uma equipe nossa, segundo porque a gente não tem muito tempo. A gente tem as nossas redes sociais que a gente divulga e tudo, mas não é a mesma coisa. O que a gente gostaria mesmo era conseguir abranger todo mundo no programa, fazer entrevistas, fazer matérias, mas a gente não consegue fazer isso, é a nossa realidade. Então a gente fica falho mesmo, para muitos atletas e muitos esportes. A gente acaba não definindo muito a modalidade, a gente pensa mais no atleta, né? Então a gente fica falho, a gente sabe que vai ser assim durante um tempo até que a gente possa acertar a casa... que é um projeto nosso, mas isso leva-se tempo, tem muito investimento atrás, tempo... então, mas a gente sabe que a gente é falho e a gente tenta suprir isso da melhor forma possível, então a gente pega os campeonatos principais, a gente tem um futebol amador muito forte na região, Taubaté, São José, Lorena, Guaratinguetá, Jacareí e a gente não consegue cobrir isso. A gente sabe que é um público muito bacana, daria muito resultado para a gente e para eles, mas a gente não consegue comportar, porque se eu falo de um time, se eu mandar um abraço para um time, todos os outros... eu vou ficar falho com todos os outros, então... às vezes a gente acaba não comentando, fala só sobre o campeonato em si porque se eu falo de algum atleta ou algum time eu vou ficar falho com os outros, por causa de tempo mesmo.

16) A mídia pode funcionar como um mecanismo de popularização do esporte?

Funciona, ela é o principal veículo que faz o torcedor ir ao esporte. Sem a mídia, o esporte acaba ficando aqueles cinquenta torcedores que vão ao estádio ali mesmo, os comentários de bar, de restaurantes, de churrascos que você encontra, porque poucas

peças tem acesso à sites, por mais que a gente fale da internet: “Aaaa! Mas a internet...”. Mas gente, a maioria não entra no site da Federação Paulista de Futebol e mesmo se você entrar lá vai ter informação errada. Horário de time errado, o cara que fez o gol errado, o horário que foi feito o gol errado, tem muitas informações erradas ali. E para você achar a informação é muita coisa, você entra lá: “Competições, futebol feminino, paulista,...”, tem muita coisa ali. Então para o torcedor que não está acostumado, ele não vai entrar ali e ver, então se não tiver mídia, não tiver mídia impressa, televisiva, de rádio, de jornal, fica muito difícil para o esporte sobreviver. Até mesmo pela questão do patrocinadores, hoje em dia você vê cada vez mais em uma entrevista coletiva, patrocinadores atrás, patrocinador no microfone, na água, no refrigerante que tá ali do lado, no camisa do cara, no anel, no relógio que o cara tá usando, então tudo é marketing... então tudo isso gera dinheiro para pagar e manter os times que estão disputando os campeonatos.

17) Para você, como o São José EC feminino poderia atrair maior atenção para seus jogos?

O masculino eu acho que é muito simples, é o time ganhar. Porque enquanto o time não ganhar não adianta você fazer camiseta, vender camiseta nova, muita gente ainda compra, porque acredita, mas a maioria não vai comprar. A maioria não vai ao estádio se o cara não ganhar, não vai! A maioria não vai. E os poucos que vai, os poucos que eu falo os três mil caras que vão, eles vão lá depois nos vestiários para chamar a atenção dos atletas, porque eles sabem quando os atletas estão fazendo corpo mole dentro de campo. Eles sabem quando o cara foi na balada no dia seguinte e foi jogar no domingo, entendeu? Então isso é muito restrito.

No feminino, a gente tem uns patrocinadores do feminino, por exemplo, que fizeram, que trouxeram aqui para a gente, por exemplo, é... uma material todo bem trabalhado, com a foto das meninas, com os jogos da Libertadores, do Paulista, mas o feminino além da parte de ter que ganhar, de ter que ser bom, essa visibilidade com a seleção brasileira, com o técnico Márcio ir para a seleção brasileira é fantástico. Toda a comissão técnica do São José está na seleção brasileira, isso a gente perde, porque vai ter uma hora que vai ter que renovar, né? Eles já estão fazendo esse trabalho de renovação do São José, essa transição, porque a gente vai perder o Márcio para a seleção brasileira e a comissão técnica também, que inclusive o auxiliar-técnico do Márcio, ele é técnico da seleção Sub-20 feminina. Isso é muito bom para o Vale do Paraíba, não só para o São José, mas para o Vale do Paraíba e para o esporte feminino em si. Então é... eu acho que nessa parte vai acabar ajudando muito, lógico que na parte de marketing e venda de camiseta não tem. Se você quer comprar o uniforme do futebol feminino você não tem onde comprar. Porque? Porque, às vezes, o cara que faz a camisa ele não tem interesse em vender, então é uma série de detalhezinhas, que acabam prejudicando o time como um todo. “Ah, mas eu não quero vender a camiseta”, mas o time quer, então na hora de fechar o contrato com o cara que vai fazer a camiseta, com a empresa: “Não, a gente vai vender essa camisa, você vai ter

que rodar ai cinco mil camisetas, porque a gente vai vender essas camisetas!”. Vai vender nas escolas, vai vender na mídia, vai trazer aqui para a gente sortear, vai colocar nas lojinhas de bairro, vai colocar nas principais lojas do shopping, porque isso vai atrair público para todo mundo. Mas isso precisa de um trabalho, daí precisa de dinheiro para manter uma equipe de marketing que ajuda a manter o time. **(Giu: E tem os bastidores ainda...)** Exatamente tem os bastidores do: “Eu quero fazer”, “Ah não isso dá muito trabalho, não vou fazer”. Ah não, mas para vender camiseta da Bagé, eu preciso pagar alguma coisa para ela. E aí, passa a ser um negócio... passa do amador para ser profissional, eu não posso vender a camisa dez, sei lá, da Fran sendo que eu preciso pagar alguma coisa para a Fran, e aí? Quanto que vai ser? Ah não, mas no contrato dela não tem isso, então como vamos fazer a camisa sem número, “Ah, mas é bom eu fidelizar”, a Fran é a camisa sete, vamos dizer, camisa onze, eu preciso fidelizar isso para o torcedor querer: “Não aquela Fran joga muito, eu quero a camisa com o número dela”. E é isso uma parte que falta para fazer crescer um pouco mais na mídia e dar retorno financeiro e também de presença de torcedor no estádio para o futebol feminino.

18) Hoje o São José está vivendo um momento muito interessante no esporte que é esse ginásio, que nunca termina, e a reforma no Martins Pereira...

É assim, com as poucas informações que nós recebemos e o que eu posso dizer como eleitora e na parte de imprensa também. As prefeituras precisam parar com esse negócio de: “Ah, mas foi a prefeitura passada que eles não viram que tinha que ter o estacionamento”, no caso da Arena, “Eles não orçaram o estacionamento, eles não orçaram as vias de acesso que tem que... até o ginásio”, amigo, se não orçou se vira! Você foi eleito para resolver o problema! Já não foi gasto o dinheiro que é meio, que é público, eu já não paguei, você também já não pagou? Então resolve! Para de ficar reclamando que foi a prefeitura anterior, bichão, resolve, você foi eleito para... então termina esse negócio. Acabou, não tem que... termina! A população não tem que ficar: “Ahhhh, mas...”. Não, termina! Bichão é nosso o negócio! Então você vai terminar, para com desculpa: “Ahhh”... querido, desculpa! “Ah, mas precisa de verba”, arruma verba, porque na hora que é para arrumar verba para coisas que eles querem, eles arrumam. Se vira, a palavra para mim é: Se vira! E faz o negócio. A parte do Martins Pereira é sensacional. É um dinheiro emprestado, que a prefeitura vai ficar devendo para o Governo Estadual, né? Mas que vai gerar muitos benefícios para os esportes da nossa região. Vai ser uma arena na qual passa... deixa de ser estádio e passa a ser uma arena, onde o rugby vai mandar seus jogos, o futebol feminino, o Atlético Joseense, o São José masculino, São José Esporte Clube. Onde vão se poder receber shows também, por exemplo, o Morumbi põe-se a coisa no gramado, o tablado no gramado e manda-se shows ali, o que é fantástico, porque a cidade vem crescendo e a gente acabou, não tem rodeio, não tem mais nada na cidade, nem no Vale, até em Jacareí perdeu-se o que se tinha porque? Por causa da falta de estruturas dos lugares, você precisa ter estrutura de segurança, de banheiro, de higiene, de tudo, você precisa ter

estrutura de tudo... E isso é o que, dentro do projeto, o Martins Pereira pretende ser. Isso vai ser muito bom, não só para os times de São José, não só para os times de São José, mas também como pro Vale. Eu não sei como vai ser a logística para esse dinheiro retornar, talvez com a venda das bilheterias, os shows lá dentro, aluguel do estádio, porque que veio essa parte de reformar o Martins Pereira? Por causa da Copa do Mundo. Eu acho muito difícil, muito difícil, vir alguma seleção para cá, pode ser a seleção do Zimbábue, de... de um lugar muito longe, mesmo assim eu acho muito difícil. Porque a logística de um time que estiver, por exemplo, que estiver aqui em São José para poder ir para o Pernambuco, para o estádio de Pernambuco, é muito difícil, mesmo porque o aeroporto que a gente tem aqui é falho. Então tem outras cidades que tem estrutura de aeroporto, que tem estrutura de estádio ou vai ter porque vai reformar, que são muito mais capacitados para se ter... para se receber uma seleção. Obviamente se vier vai ser fantástico também, apesar de gerar... tudo isso, apesar de gerar gastos, como a gente teve as manifestações: “Ah, não sei quê padrão FIFA”, tudo isso gera emprego, gera saúde, gera categoria de base... e aquele salário que o Neymar ganha e que tava todo mundo reclamando, desculpa não é a Dilma quem paga o salário dele? São os patrocinadores! E o cara saiu da favela e por causa do esporte ele ganha esse salário hoje. Ele é digno de ganhar aquele salário, se compatível ou não ao que... a categoria de base ganha, aí já é outra questão que foge da nossa alçada, que foge da alçada do governo também, então não pode se misturar as coisas, é... uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, entrou outro governo, resolve o que tem para fazer e faz o que tem que fazer para a parte futura. Resolveu? Maravilha, ótimo, o que não pode é ficar parada jogando a culpa na outra administração por ter ficado parado, aí não resolve nem uma coisa e não faz projeto para outra coisa e vai ser mais um elefante branco para ficar parada na vida da nossa cidade. Então eu acho que tem que resolver e fazer, tudo é questão de vontade.

ANEXO 2 – ENTREVISTA - Camila Letícia de Jesus Monteiro (jogadora)

1- Quais eram suas brincadeiras favoritas na infância?

Bem quando eu era criança adorava bonecas, esconde-esconde, amarelinhas, sempre brincadeiras normais de meninas mesmo.

2- Como foi seu primeiro contato com a bola?

Meu primeiro contato foi quando eu tinha 15 anos que eu tinha aula de educação física e resolvi testar minhas habilidades com a bola kkk, mais mesmo assim eu não gostava muito de futebol, achava que não era minha praia.

3- Quando e como decidiu seguir o caminho de jogadora?

Resolvi seguir quando comecei a ganhar os jogos escolares e em jogos eu estava se saindo muito bem, e com os elogios dos professores isso tudo acabava me fazendo muito feliz e bem.

4- Como foi e é o incentivo e apoio da família?

Então o apoio não foi muito, pois eu nunca morei com minha mãe, eu vivia no colégio interno pra meninas, entrei com três anos e sai de lá aos 17 anos, então minha mãe não ligava muito pra isso, se preocupava mais com minha felicidade. E até então ela gosta de saber que eu apareço na TV e fica muito feliz em saber que eu ganho os jogos e campeonatos, ela fica muito orgulhosa, mais como não moro com ela faz um tempo isso acaba sendo uma coisa normal pra ela, mais mesmo assim ela gosta muito do que eu faço, pra ela e pra toda minha família eu sou o exemplo de casa e da família, isso me faz muito bem.

5- Quando e como era o São José quando começou a jogar aqui?

Cheguei a SJC em 2006, a situação era boa penso eu, pois onde eu jogava só recebia o passe pra poder ir aos treinos, e aqui em SJC eu já fui bem valorizada ganhando uma bolsa auxilio, que por fim me ajudou e muito a conquistar o que eu tenho hoje, o Marcio técnico sempre corria atrás de melhorias para o time, e nosso time mesmo jovem tinha muita raça e creio que isso ajudava muito em jogos difíceis.

6- De lá para cá, a quem você credita a evolução do clube?

Mudou e muito, pois foi chegando profissionais mais experientes em relação ao futebol, que até hoje esta dando muito bom resultado nos campeonatos, antes era só o Marcio no comando e não tinha ninguém pra ajuda-lo e ela acabava pecando em algumas coisas, ate porque ele não era somente técnico, tinha varias funções e acabava prejudicando o time e ele mesmo. E com a chegada de mais profissionais, a sobrecarga em cima dele foi se aliviando e assim ele conseguia se focar mais aos treinamentos.

7- Quais as dificuldades do Futebol Feminino no Brasil?

Por que no país da Melhor Jogadora de Futebol do Mundo por cinco vezes, o futebol feminino é tão desvalorizado? Poucos são os times que possuem um time feminino. O Campeonato que reúne os melhores e únicos clubes brasileiros de futebol feminino duro menos que oito meses, e os prêmios são muito inferiores em comparação ao masculino. Falta também, apoio das emissoras de TV's e Rádio para transmitir os jogos. São poucas que investem. É preciso mudar a visão de todos, verem que mulheres também entendem de futebol, tanto quanto

homem, e há muitas que dão um banho em muitos marmanjos. Precisamos mudar os nossos conceitos.

8- Você consegue viver só do futebol? O que você conseguiu acumular com o esporte?

Bom eu nunca fiquei só jogando sempre corria atrás de um emprego, nunca consegui ficar parada, conquistei varias coisas ultimamente, graças a uma carteira assinada, pois sei que futebol é momento, e isso tudo ira acabar um dia e tenho que pelo menos saber fazer outra coisa, conquistei carro e casa graças a meu esforço fora do futebol, futebol foi um começo pra todas estas minhas conquistas Graças a DEUS. Consegui no futebol que é o mais importante também e estudar isso eu valorizo e muito.

9- Teve alguma dificuldade pessoal por ser jogadora?

Sim minha maior dificuldade foi quando conseguir fazer uma entrevista em uma empresa, ao chegar ao local para entrevista, ficaram muito empolgados com meu currículo, mais ao saber que eu jogava futebol fui desclassificada, pois alegaram que eu não teria nem tempo e nem foco pra trabalhar em uma empresa seria, isso me deixou muito chateada, acho que isso foi umas das dificuldades, fora isso não tive mais nenhuma. Graças a Deus.

10- O que você espera para o Futebol Feminino no Brasil?

Sim, a gente sempre espera e acredita no melhor, né? Apoio, respeito, emissoras de TV acreditar mais nos times, valorização e as empresas possa investir mais em nos com seus patrocínios. Sempre acreditamos que um dia isso tudo ira melhorar não só para mim ou para meu time, mais sim pra todas.

11- E para sua carreira? Quais suas expectativas e sonhos?

Eu já decidi que daqui dois anos já quero parar de jogar, eu acho né kkk , mais meu maior sonho e ser enfermeira , e se deus quiser ira dar tudo certo , sonho também em da uma vida melhor pra minha família , que ate hoje tem uma situação muito difícil , e isso me deixa muito mal , mais sempre que eu posso estou lá pra ajuda-los , com pouco mais sempre estou lá . Este é meu sonho :)

12- O fato de ser amador dificulta o crescimento do esporte no país?

Sim, eu acho que se fosse um time profissional seria um time mais valorizado , com patrocínios que iria melhorar nossa renda e seria bem mais visado .

13- De onde veio o apelido "Cubana"?

Fui convidada pra fazer um teste aqui em SJ em 2006 como te falei por uma amiga minha, e ela comentou com todas aqui que estava vindo uma Cubana para fazer um teste no time , e as meninas todas acreditavam que eu era cubana mesmo , este apelido ela colocou pois falou que eu sou muito parecida com as jogadoras de vôlei de cuba k , e assim ficou , no começo não gostei muito do apelido , mais e se alguém me chamar de Camila hoje difícil eu simular que este e meu nome kk e isso .

ANEXO 3 – ENTREVISTA - Cláudia Pedroso (supervisora do *Atleta Cidadão*)

1- Desde quando o futebol feminino faz parte do projeto "Atleta Cidadão"? Como foi a implantação desta modalidade no programa?

R.: 2005. Acredito que foi de maneira tranquila, mas não trabalhava nessa época do Programa.

2- Ao longo destes anos há estimativa de quantas jovens passaram pelo programa?

R.: Aproximadamente 10.615 atletas.

3- Todas as jogadoras das categorias de base do São José Esporte Clube fazem parte do projeto "Atleta Cidadão"? O investimento é exclusivamente para as categorias juvenis?

R.: As categorias de base do São José Esporte Clube, tanto no feminino como no masculino, são do Programa Atleta Cidadão.

4- Como são selecionadas as atletas para participarem do programa?

R.: As atletas são escolhidas através de seletivas abertas.

5- Atualmente, quantas atletas do elenco principal do São José saíram do "Atleta Cidadão"? Àquelas que atingem o limite de idade são desligadas do projeto?

R.: 01 atleta. Outras compõe o sub 19. O limite do programa é 18 anos.

6- Há uma análise da evolução do futebol feminino na região a partir da inclusão desta modalidade no projeto? Em contrapartida, os bons resultados obtidos em campo estão incentivando novas meninas a ingressarem no futebol?

R.: Acredito que o trabalho com o feminino ainda seja lento, por não haver escolinhas na cidade. As meninas que nos procuram, normalmente jogam com os meninos. mas é claro, que com o resultado do Futebol Feminino adulto existe muito mais incentivo na participação.

7- Para você, o futebol feminino ainda sendo considerado amador pelas Federações dificulta o desenvolvimento do mesmo?

R.: Não. Talvez se o futebol feminino se tornar profissional, tenhamos dificuldades em outros aspectos como algumas "máfias". Faca de dois gumes.

ANEXO 4 – ENTREVISTA - João Paulo Sardinha (Editor Assistente do caderno de esportes do jornal *O Vale*)

1) Há quanto tempo você atua como jornalista dentro do esporte?

Então, na verdade, eu antes de fazer faculdade já escrevia alguma coisa para site, né? Eu montei um blog, eu sempre gostei de... aí no terceiro ano da faculdade eu fiz um estágio no *Lance!* que é um jornal de esporte, né? Ai eu fiquei até o fim da faculdade e daí depois eu continuei fazendo freela, né? Ai eu daí do esporte fui trabalhar em assessoria de imprensa, ai depois eu fui trabalhar... me formei em 2007, né? E em 2009, em outubro de 2009 eu entrei aqui no jornal, como repórter do caderno de esportes. Dai eu fiquei no jornal, no caderno de esportes, até outubro de 2010 depois eu fui repórter geral, fui fazer todas as editorias: política, polícia, economia, fiz tudo. Hoje eu sou editor assistente no jornal que é do grupo também que é o *Gazeta de Taubaté*, ele não circula aqui em São José, mas sempre que precisa de editar o caderno de esportes eu sou meio editor assistente lá no caderno de esportes também, mas tô mexendo com o esporte sempre, todo dia assim.

2) Você sempre quis ser jornalista na área de esportes, desde que começou?

Sempre, cara, porque... eu acho que aprendi a ler com a *Placar*, cara. Eu comprava *Placar* todo mês e li, então eu comecei a gostar mesmo de ler, de leitura com a *Placar*, com *Lance!*, com coisas de esportes, né? Então eu entrei no jornalismo por causa do esporte, e daí depois você entra, começa a ler de tudo e começa a gostar de outras áreas: política, economia, tudo.

3) Quando você era leitor, tinha preferência por algum esporte, chegou a praticar algum?

Cara eu pratiquei futsal, eu joguei muito futsal, porque assim... pelo time do São José, disputava o campeonato paulista, eu gosto muito de futsal. E futebol logicamente que eu... sou corintiano, adoro futebol, acompanho, vejo tudo, mesmo quando eu não estou no esporte, tô sempre em sites de esportes acompanhando, é uma coisa que... e assim, vôlei, basquete... basquete gosto muito do time do São José, né? Aqui tá... tá... então a gente acompanha. Então, eu gosto do esporte em si, né.

4) Como é a dinâmica da cobertura esportiva?

Ela meio que segue o padrão dos jornais esportivos, a gente tem um espaço... o jornal... o nosso jornal, é um jornal regional, ai muita gente fala: “Ah, porque vocês não dão só as notícias regionais”. Ai o jornal... tem pesquisas que mostram que apesar do nosso jornal ser regional, as pessoas querem ler também as notícias dos times grandes, né? Então a gente tem que dar um espaço para os times grandes Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos, né? E a gente tem... em dia de semana a gente sai com três páginas, então aqui nesse jornal eu acho que a gente saiu com três (folheia o jornal), então a gente precisa dar o Palmeiras, dá o Santos, né? Dá Corinthians, então a

gente não pode dar mais de três notícias por página. Então a gente fica meio que com o espaço meio limitado, né? Então a gente tenta dar, geralmente acaba saindo uma página e meia de regional e uma página e meia de nacional. Mas assim... a gente tenta de... de... de... se o regional for mais forte no dia a gente acaba dando mais espaço de... duas de regional, uma de nacional. Uma de... ontem teve a final, né? A final da Recopa, então a gente já teve que dar um material bom, sai com pôster e tal. A gente fechou com Corinthians e São Paulo aqui, né? Mais o pôster e mais uma página, e aí tinha o Atlético também, a gente fechou com uma de regional. Mas assim vai da... vai da... essa aqui, por exemplo, a gente fechou com duas de regional, né? (folheia outro jornal). Que foi a... o São José foi campeão dos Jogos Regionais e tinha exposição de Campos que era uma exposição de cartoons e tal, então a gente acabou fechando duas de regional, então a gente tem que sentir o que a gente tem no dia, na reunião de pauta... tem reunião de pauta aqui às 15:00, daí eu apresento o que eu tenho no dia, aí a gente decide como é que a gente vai fechar o caderno. **(Giu: O caderno para o dia seguinte, né?)** É, o caderno do dia seguinte, e é o seguinte, aí... se você tem uma página de regional, uma página e meia, você tem quinhentos esportes aqui em São José, você tem o basquete que está sempre bem, dá leitura, toda vez que a gente coloca matéria no site dá leitura, acho que é o mais acessado das matérias de esportes. Você tem... você tem o futebol feminino que está sempre bem, você tem Taubaté, handebol, você tem muita, muita... muitos esportes que estão em alta, fora o futebol, né? São José também, no futebol masculino...

5) Em uma região com considerados investimentos e destaques esportivos, quais os critérios para pautar os esportes?

Então, no primeiro semestre o São José está jogando a série A2... o São José, assim, pra gente o que mais vende jornal é o São José, o Taubaté não vende tanto quanto o São José, então assim, a gente tenta pesar as notícias desta forma. É igual um... é igual um *Lance!*, por exemplo. Segunda-feira, o dia que o Corinthians ganha no domingo, segunda-feira o jornal vende muito mais do que quando o Corinthians perde no domingo, que é o time que mais tem torcida e conseqüentemente mais leitores. Então assim, o jornal tem que se basear no que o jornal vende mais... Igual no site, no site tem os acessos únicos, então você põe muita notícia que não tem acesso lá, não tem acesso único, então você... não tem... então a gente acaba pesando. Geralmente, aqui, o basquete, dos esportes além do futebol, São José e Taubaté, dos esportes, o basquete é um esporte que sempre que tem a gente costuma dar um noticiário bom. Futebol Feminino, assim quando tem um jogo interessante costuma dar um espaço bom, né? Mas assim é mais o basquete e o futebol mesmo. É... é... é o futebol masculino do São José que dá muito ibope e o basquete também, você vê o Lineu de Moura (ginásio onde joga o basquete joseense) cada vez que tem jogo lá, pode ser jogo de primeira fase que tem duas mil pessoas, está sempre cheio o ginásio.

6) O bom resultado de um esporte também pode refletir nessas vendas, não?

Ah sim, por exemplo, *O Vale*, né? *O Vale* é um jornal para um público da classe A e B. É o público que vai no basquete, então assim, o público que assina o jornal, que compra a informação, o cara que vai na banca comprar a informação é um público que vai no Lineu de Moura. É um público que mora mais na região central, ou se mora nos bairros da região, é meio que segmentado, então é o nosso público, é o basquete que é o público em que a gente chega na casa das pessoas, né? Então, para gente, é interessante o basquete por causa disso, porque é o nosso público.

7) Qual a diferença na linguagem esportiva para outros cadernos?

Dá para soltar mais o texto, o caderno do esporte tem mais essa liberdade maior de soltar, de... Já no caderno de política, por exemplo, é o lead “padrãozão” mesmo. Não dá para mudar muito, é o fato e nada mais, no esporte você pode mais... brinca mais, é um negócio mais leve, mais solto. **(Giu: Até mesmo em matérias com teor político?)** É então... eu até escrevi uma matéria, acho que anteontem sobre a visita do prefeito lá no basquete lá, ai eu falei: “Isso daqui é muito burocrático, é muito oficial, né cara? Você falar que o prefeito foi lá e tal”. Ai eu falei: “Os jogadores trocaram os calções e as regatas, pelo terno e gravata”, você faz uma brincadeira pra deixar o seu texto mais leve, esporte tem que ser assim, esporte é paixão, não dá para você ficar fazendo uma coisa muito quadrado.

8) Há divisão de repórteres para determinados esportes?

Então, a gente está com a equipe bem enxuta para falar a verdade. A gente já teve uma equipe com quatro pessoas, e ai hoje duas pessoas que fazem, né? Então geralmente algum pega... tem um esporte que mais tem... o Marquinhos é o cara que cobre o futebol feminino, ele tá sempre em contato, ele é meio que um setorista do futebol feminino. Ai assim, a gente... eu gosto mais de futsal, então eu faço mais futsal. A gente, ele costuma fazer o basquete, futebol do São José eu já faço mais. Então a gente meio que dividiu dessa forma.**(Giu: Eu até vi o texto especial da Libertadores feminina em 2011, é um texto do Marcos, né?)** Isso, isso... ele que acompanha mais. Nessa época, era Libertadores, a gente deu até uma cobertura grande, porque era um evento que... agora, vai jogar São José e um time fraquinho, ai não compensa a gente abrir o espaço porque não tá... o torcedor não tá tão envolvido a ponto de... agora, se é um jogo importante, vale vaga, a gente... senti o clima, né?

9) A cobertura do Paulista para outras competições então diferencia?

Então, já é diferente, a Libertadores foi um evento aqui na cidade, cê tinha Boca Juniors, cê tinha atrativos que levavam a torcida até o Martins Pereira. Você tinha jogos, se não me engano, acho que foi contra o Santos, o Martins Pereira cheio. **(Giu: Na final, inclusive, o Martins Pereira recebeu quase sua lotação máxima)** Foi... é. Você tem que sentir o clima, cara. Se é um jogo que vai só 100 pessoas, não adianta você abrir um lado de página, com retranca, com várias coisas, sendo que o cara não tá afim de ler aquilo, você tem que dar para o leitor aquilo que ele quer ler, então você

tem que sentir um clima, se o campeonato é um campeonato bom e vai atrair muita gente... então... **(Giu: Daí ganha mais espaço, né?)** É, por exemplo, aqui a gente tem o Guará... o Guará a gente costuma dar pequeno, cara, porque nem a torcida do Guará ela se envolve tanto com o time. Então não adianta a gente querer dar um negócio grande se o torcedor não quer ler aquilo, não tá... **(Giu: É engraçado que da região é o time que está mais qualificado)** É, é o time que tem a melhor campanha. O torcedor vai muito lá no Dario (estádio do Guaratinguetá) quando vai time grande e tal, ai beleza. O torcedor não tem muito... principalmente depois que o time foi e voltou, o torcedor não tem muito... então assim, a gente costuma ver o que o cara quer lê. Um bom termômetro assim é o site mesmo, porque a gente tem o número de visitas, pô, a gente colocou uma matéria de basquete lá e você vai ver é uma das mais lidas do site. Dai você bota uma matéria de um ciclismo da vida lá, você olha não tem visita nenhuma, então você vê que não tem muita gente interessada em ler, né? Como a gente tem um limite, por exemplo, meu irmão trabalha lá no *Globoesporte* e lá eles não tem espaço, é internet, você dá para colocar dez notícias do ciclismo e dez notícias do futebol, isso daí... Aqui, como a gente tem um espaço, um limite físico de publicar a notícia... você tem que selecionar mesmo e ver o que é mais interessante para a maioria dos leitores.

10) O futebol feminino consegue atrair atenção dos leitores?

Então, ele atrai dependendo do jogo, é o que eu falei, se for um jogo decisivo, for um jogo de final, dá acesso. Agora, dependendo do jogo, se for um jogo que não tem tanto apelo, quinta rodada... de dezenove rodada é a quinta, o time não... Ai eu acho que é normal, né? O pessoal não tem tanto interesse de ler, agora quando o time está bem, dá acesso o futebol feminino. Eu acho que dos esportes olímpicos o basquete é o primeiro, sei lá, o futebol feminino fica entre o segundo e o terceiro. Ele tem uma boa receptividade, assim.

11) Essa receptividade acaba influenciando no tipo de matérias que vocês fazem, por exemplo, não fazem matérias sobre o treino do time para jogar a volta do campeonato paulista?

É, geralmente é meio complicado até porque tem muitos esportes pra gente cobrir, né? Não tem como a gente estar sempre em cima... a gente costuma... na semana de grandes jogos a gente faz treinos... quando tem mais apelo a gente vai, dá a semana, né?

12) Entre a cobertura do futebol feminino e masculino, existe diferença?

Ah é bem diferente, até pela história do time masculino, chegou na final de campeonato paulista. O futebol masculino normalmente, ele tem... ele dá mais... é cultural. É cultural, né? Até porque os times masculinos tem continuidade, você vê um Santos começou com o futebol feminino e logo acabou, já o Santos masculino existe desde 1900 e bolinha tá lá o Santos, o cara, culturalmente, o cara já tem uma

continuidade. Então, o futebol feminino de São José começou há um bom tempo, né? Com o Márcio lá atrás, né? Vem vencendo, mas o futebol masculino, assim, vem de muito antes. Tem aquela... chegou na semifinal eliminou o Corinthians, foi para a final e pegou o São Paulo. Em 82 disputou Taça de Ouro, então o futebol do São José masculino ele, o torcedor apesar do time estar em descrédito, disputando Série A2, nunca vai, sempre brigando e nunca chega... o futebol masculino ele... ele... você saiu na rua direto, você tá conversando, cara, tinha o Amarildo... historicamente o futebol masculino ele tem mais apelo na cidade, as pessoas conhecem mais e isso também atrai mais leitores para a gente... **(Giu: Mesmo atualmente em que a situação dos dois está invertida...)** Sim, é... lógico que em questão de organização o futebol feminino está anos-luz na frente do masculino, né? Mas isso aí é meio cultural, né? O masculino ter mais... para a imprensa em geral, né?

13) O fato de ser considerado amador, dificulta a cobertura no sentido de nunca saber se o time pode continuar existindo?

Eu acho... meu TCC também foi sobre jornalismo esportivo, na verdade. Eu também procurei saber porque os esportes olímpicos não tinham muito espaço, aí você vê assim que se você não tem muita audiência... na televisão, por exemplo, se a Globo tentar colocar um jogo do futebol feminino numa quarta-feira a audiência da Globo cai... cai a audiência, cai o anunciante e ela toma bomba, pode... falar assim: “Ah, então vamos colocar toda quarta que o povo vai acostumar”, mas só que até ao povo acostumar com um jogo de futebol feminino na quarta a noite ela vai... muito dinheiro, né? Assim, o jornal e ela são empresas que precisam gerar lucro, né? Então tem que dar o que vai dar um retorno financeiro imediato para ela. Então a tevê, por exemplo, a Globo coloca os jogos dos esportes olímpicos no *Esporte Espetacular*, num domingo de manhã. Você não vê a Globo colocar em uma quarta um handebol, porque aquilo para ela não vai dar retorno, o futebol... o futebol mesmo, quando não é final, a Globo já tem prejuízo. Dependendo do jogo a audiência da Globo é muito baixa, ela continua mostrando na quarta a noite porque ela comprou os direitos e ela não quer perder aqueles direitos, mas ela... tem jogo assim, cara, que se você colocar um filme quarta-noite, um filme dá mais audiência que um Crac e Santos.

14) Até mesmo na hora de renegociar os contratos de direitos de imagens com os times isso pesou...

Então, como a mídia são empresas que precisam de lucros, elas não podem arriscar colocando um jogo que... então a Globo, por exemplo, ela coloca competição de ciclismo, de skate, tudo em um horário específico, com um programa específico que é o *Esporte Espetacular*. *Globoesporte* também é mais futebol, por quê? Porque se ele começa a colocar matérias de outros esportes a audiência cai, porque o povo não está acostumado, culturalmente, o povo não está acostumado a... ele até assiste, gosta, mas um cara que compra um jornal, tipo o *Lance!* ele compra para ver o time do coração dele, ele não compra para ver... o cara é corintiano e compra o *Lance!* ele quer ver

notícias do Corinthians, ele não vai ver notícias do Palmeiras, ele pode até passar por ali, dar uma ali, mas ele compra para ver o time do coração dele. Então eu acho que aqui em São José a gente tem uma realidade que o cara vai no basquete, quando o time do futebol feminino ele vai numa semifinal, vai numa final. Mas o futebol assim, cara, o São José, o Taubaté, porque o torcedor do Taubaté ele sempre vai. Ele ainda tá muito no futebol masculino, tá muito no futebol... **(Giu: Até mesmo a o Joseense não atrai como o São José)** A torcida do Joseense ela não vai, cara. Nem tem torcida, ele é muito recente e aqui o povo é São José, a torcida do São José é muito forte.

15) Existem mecanismos que possam transformar o futebol feminino em mais popular?

Não sei se deixar mais popular, cara, mas tem muita história ali, cara, que o povo não conta, o assessor de imprensa não passa. Cê não pode... cê manda um release assim: “Ah, São José joga amanhã contra o São Caetano” dá o fato em sim, mas se o cara... se o assessor de imprensa pega e ó... a história da Bagé que montou a sorveteria foi para a Record, para a Globo. São histórias interessantes, aos poucos, você vai mostrando essas histórias interessantes e você vai ganhando a mídia. Porque assim, falar que o São José vai jogar a terceira rodada vai ganhar um espaço pequeno, agora se você contar uma história... com certeza entre as jogadoras ali tem histórias interessantes, tem esta que montou o lava rápido. O assessor de imprensa ele tinha que descobrir essas histórias interessantes: “Ah, jogadora que sei lá, perdeu os pais, cresceu num orfanato”, ter uma história legal para contar, com certeza a gente vai abrir um espaço bom. Porque o leitor, ele pode até não ser interessado na campanha do futebol feminino, mas o cara vai interessar na história da jogadora: “Ah, eu vou ver como é que tá o São José”. Você teria que buscar caminhos para ganhar a mídia, mas não dando um release seco: “Ah, vai jogar amanhã”. Beleza, isso daí eu olho lá o site da Federação eu vejo que vai jogar e eu escrevo aqui, agora, o assessor de imprensa que está dentro do clube ali, ele está em contato com as jogadoras, ele poderia ter histórias ali, com certeza tem uma história, não é só a Bagé e a Priscilinha, tem muitas outras ali, jogadoras que para conquistar o sonho teve que sair lá do Maranhão, sei lá, e vir de ônibus e... isso daí é história, isso daí é notícia, daí vale a pena dar um destaque, porque... Nem sempre a gente que está aqui vai conseguir ir lá buscando história, o assessor de imprensa que tá lá dentro... lógico que: “Oh, tem uma história legal, de repente... quer conversar com ela?”, aí a gente faz, mas eu acho que o caminho é esse. Você vê o *Globoesporte* esses dias fez uma matéria sobre, do cara do pombo, de corrida de pombo, pô, isso daí... você não vai falar da final do campeonato de pombo, vai falar do cara que cria pombo, acaba sendo interessante como história. **(Giu: Até o Manthiqueira que disputa a Segunda Divisão do Campeonato Paulista conseguiu uma história quando tinha uma técnica...)**. Aham, a técnica, a única técnica do campeonato paulista, do Brasil, uma coisa assim, tinha uma história também que o presidente lá proibiu jogadores de falar palavrão, né? Então, o cara não torce para o Manthiqueira, o Manthiqueira não tem nem torcida, tem nem... mas se ele quer

aparecer na mídia não vai ser falando: “Oh, a gente vai jogar contra o Jacaré”. Isso daí ninguém quer ler, nem o cara que torce para o Manthiqueira, o Jacaré também quase ninguém torce. Então não vai ser falando do jogo, o interessante é falar dessas histórias... às vezes o cara até se interessa em ver a técnica, “A não eu vou lá no jogo do Manthiqueira para ver se essa técnica é boa”. É, “vou lá para ver como é que é”, eu acho que você tem que ir pelas beiradas, cara. Porque o Corinthians, São Paulo e Palmeiras qualquer coisa: “Ah, o Corinthians joga amanhã, esse daqui tá lesionado, esse daqui tá...”, pro torcedor isso daí já é notícia. Pros times menores, para os esportes olímpicos, eu acho que a saída para ganhar a mídia seria investir em história boa, investir... Eu, por exemplo, se eu pego o jornal e vejo que não tem histórias boas, desestimula... Eu acho que, inclusive, o jornal impresso tem que investir nisso se ele quiser sobreviver. Fazer o diferencial, se você traz uma história que todo mundo já viu na TV, ouviu no rádio ou pela internet ninguém vai querer ler.

ANEXO 5 – ENTREVISTA - Maglia Amelly Soares (jogadora)

1 - Quando criança quais eram suas brincadeiras favoritas?

Minha irmã e eu fomos criadas juntas a outras crianças enquanto minha mãe saía para trabalhar durante a semana, quando tinha uns 4, 5 anos brincava de boneca, mas depois dos 6 quando me juntei as outras crianças e aos meninos deixei a boneca de lado e passei a brincar das coisas "mais legais" com os meninos, entre elas a bola de futebol, vídeo game, pega-pega, policia e ladrão, tínhamos bastante espaço para correr então aproveitávamos bastante dessa forma, com esse tipo de brincadeiras e não havia uma favorita, era muito bom desde que todos participassem.

2- Quando foi seu primeiro contato com a bola?

Lembro-me que por volta dos 7 anos, com os meninos que vivi uma parte da minha infância eu já jogava, mas meu pai foi o cara que me apresentou o futebol e a bola, brincando comigo no quintal de casa aos fins de semana e fazendo assim com que eu trocasse a novela que gostava de ver com a minha mãe pelo futebol que ele assistia, mesmo sem nada entender sobre o esporte.

3- Quando decidiu que seguiria o caminho do futebol?

Decidi que era isso que eu queria quando terminei o ensino médio e tive que escolher entre ingressar no mercado de trabalho ou jogar futebol. Tinha meus 17 anos e já havia feito cursos profissionalizantes e era só começar a procurar emprego, mas nunca me imaginei trabalhando em lugares fechados, como secretaria ou qualquer coisa do tipo, o futebol me fazia bem e antes mesmo de terminar o 3º ano uma professora minha de educação física me levou para fazer um teste no time da cidade, o time de São Bernardo. Fiz o teste, fui aprovada e chamada para treinar no dia seguinte já, lá fui informada que teria que treinar 5x na semana e teria jogos aos fins de semana, eu teria auxílio transporte e uma ajuda de custo. Tive que escolher entre um e outro porque os horários do treino não bateriam com uma carga horária de trabalho, mas vi no futebol uma chance de poder ajudar a minha família da mesma forma que eu ajudaria trabalhando em qualquer outro lugar. Foi muito difícil, mas nesse momento decidi que queria o futebol para minha vida.

4- Sua família sempre lhe apoiou?

Minha mãe sempre foi contra, ainda mais depois que eu disse que não trabalharia para jogar futebol, mas hoje em dia ela apoia, aceita numa boa, minha irmã sempre neutra e meu pai foi o grande incentivador até uns 15 anos, depois só apreciava mesmo quando podia, mas sempre me deu força.

5- Quais foram suas dificuldades como jogadora?

Minhas maiores dificuldades foram minhas lesões. Tive muitas desde que comecei a jogar profissionalmente. Iniciei a vida ativa de atleta em São Bernardo no final de 2006, em 2007 ainda no São Bernardo tive a primeira lesão menisco (joelho) porém não precisou operar e em 2009 atuando pelo Corinthians tive uma nova lesão no joelho dessa vez mais séria, rompimento do ligamento cruzado anterior (LCA) uma lesão comum em mulheres por termos o quadril largo e o joelho valgo (para dentro). Passei por cirurgia em nesse ano, esse tipo de lesão ligamentar leva 6 meses após a cirurgia para o atleta estar apto a jogar futebol novamente. Em 2010 joguei pela cidade de São Caetano, tive uma nova lesão de menisco quando foi necessário uma artroscopia (cirurgia simples) para minha recuperação, precisei de um mês e meio para voltar a jogar, 2011 foi um ano muito bom na minha vida como atleta propriamente dizendo, evolui em muitas coisas dentro de campo e tínhamos uma equipe muito boa! Porém foi um ano difícil, pois o time que eu joguei o centro olímpico não conseguiu verba para nos pagar e jogamos o ano inteiro na expectativa de conseguirmos um patrocínio e recebermos algo por nosso trabalho, porém não aconteceu e infelizmente todos nós precisamos de dinheiro para sobreviver. No fim de 2011 recebi a proposta de São José, chegando aqui, uma nova lesão, novamente do ligamento, porém do outro joelho, operei, me recuperei em 6 meses, voltei aos treinos, mas a maré não estava para peixe rs... Tive uma nova lesão de menisco nesse mesmo joelho recém operado. No total, foram 5 lesões e quatro cirurgias, 2 em cada joelho, de 2007 a 2012. Mas ainda sigo aqui, firme e forte na teimosia de jogar futebol rs.

6- Quando chegou ao São José? Estar distante da família, mesmo que pouco, pesa em alguns momentos?

Cheguei aqui na cidade de São José no fim de 2011, fui convidada para disputar a Libertadores e a Copa do Brasil daquele ano, como citei acima não pude disputar nenhuma das duas competições devido as lesões. Já pensei muitas vezes em voltar pra casa, tem horas que a saudade aperta sim, mas nossas escolhas são as que nos fazem caminhar em direção ao objetivo maior que é conseguir as coisas através do futebol. E não deixa de ser pelas pessoas que estão longe, por nossos familiares que eu e muitas meninas saímos de nossas casas em busca de algo melhor.

7- Porque ser jogadora de futebol?

Porque desde pequena foi o que me despertou interesse, porque é o que me faz feliz, porque é o que eu faço com muito prazer, e acima de tudo acredito que por que Deus permitiu que fosse assim. Ao contrário do que muitos pensam, não é qualquer um que joga futebol, precisa ter o dom, e acredito que Deus sabe o que dá a cada um de seus filhos, Ele nos mostra os caminhos, cabe a cada um de nós fazer as escolhas que julgamos certas para nossas vidas.

8- Qual sua expectativa do futuro profissional?

Ainda preciso aprender muita coisa, tenho expectativa de chegar a vestir a camisa da seleção brasileira, acredito no crescimento da modalidade aqui no Brasil e de um modo geral que

possamos ser mais valorizadas, tenho vontade também de conhecer outros países e conhecer como é o futebol lá fora, enfim acredito que ainda há muito a fazer jogando futebol.

9- É possível viver no Brasil só com a renda do futebol? Você, por exemplo, possui outro serviço?

Não. Não é possível ainda viver do futebol feminino no Brasil, não tenho outra renda, mas procuro rs, muitas meninas tem empregos paralelos ao futebol porque nossa situação é realmente difícil.

10- Como é viver em outra cidade para viver um sonho?

Foi a primeira vez que sai de casa para jogar futebol, achei que seria um desafio e resolvi encarar. Para mim é tranquilo, a cidade aqui de São José é muito bacana, e tenho muitas expectativas vivendo aqui.

11- Qual a sua expectativa para o futebol feminino?

Que a modalidade cresça, num todo, que seja reconhecida, que tenha publico, mídia, patrocínio a nível profissional, pois ainda somos tratadas como amadoras, não chegamos nem perto dos salários milionários dos jogadores do masculino, nem mesmo da 3 divisão, é um patamar completamente diferente, e eu te pergunto: porque? se a gente trabalha duro tanto quanto eles, treinamos todos os dias das semanas da mesma maneira, suamos e ralamos para conquistar títulos da mesma maneira, levamos o nome do Brasil em competições de nível internacional e o símbolo da CBF por onde quer que vamos, mas não somos reconhecidas da maneira correta. Espero que olhem com mais carinho para o futebol feminino, que invistam nos clubes, nas bases, que auxiliem desde cedo essas meninas que tem um sonho de viver do futebol, é possível mudar muita coisa ainda, basta um pouquinho de boa vontade da parte de quem tem o poder.

ANEXO 6 – ENTREVISTA - Patrícia Derrico (jogadora)

1 – Como era a sua infância?

Ah, assim a minha infância na verdade foi mais com os meninos. Tipo, brincando, jogando bola, empinando pipa, mais brincadeiras de meninos. Até porque meu irmão era bem mais velho então ele tinha que cuidar de mim na verdade, aí ficava na rua brincando com ele, porque se não ele não podia sair de casa para assim ele me olhar. Daí a gente ficava brincando e ele dizia assim “que eu tinha um jeito de jogar” e tal, daí eu ficava brincando com os meninos, assim, na verdade quando criança eu gostava de fazer todos os esportes, né? Depois eu levei a sério natação e futebol, até a minha mãe ver que tava assim muito cansativo porque eu estudava também das 7 às quatro da tarde. Aí tive que escolher entre o futebol e a natação, então foi quando eu comecei e peguei firme o futebol. Aí eu comecei a jogar no João do Pulo, que é em Pindamonhangaba mesmo, que era mais assim de prefeitura. Jogava com os meninos, dali tinha a seleção de Pinda de salão, meu sobrinho era técnico, daí eu tinha onze anos ele falou assim: “Você pode ir lá fazer uma seletiva para a gente ver como é que é”, tinha ouvido falar que eu levava o dom, mas que eu não levava tão a sério, e as meninas tinham 18 anos para cima. Aí então ele gostou, daí eu fiquei um bom tempo treinando com a seleção de Pinda, e na verdade, só podia disputar campeonato do 14 anos para cima, então eu fiquei três anos ali só cozinhando, cozinhando... Para depois começar realmente disputar campeonatos...

2- Você chegou a ser campeã com a seleção paulista no futsal?

Sim, é que na verdade, a minha vida inteira eu joguei no salão, daí em 2010 eu fiz um teste no Santos que na época era a elite, então todas as meninas gostavam de... queriam ter a chance, a oportunidade de jogar no Santos. Aí eu passei na peneira, daí trocou o presidente e tal, aí tive que ir em uma outra peneira em 2011, porque as meninas que tinham passado antes na peneira teve que retornar, daí a gente teve que rapidinho fazer outra peneira porque foi zerado, não valeu em nada a de 2010 isso porque, tipo, maior role ira para lá e tal. Aí em 2011... aí em 2011 eu fui novamente, de mil meninas passou cinco meninas, passou só cinco meninas... daí do Estado de São Paulo só ficou eu, para mim foi uma felicidade enorme. Aí eu fiquei um tempo no Santos, o técnico gostou de mim só que tava com parceria, porque no Santos tinha muita menina e as meninas eram bem mais experientes Ester e tal, Fran que hoje está aqui... aí ele tava com parceria com o Foz Cataratas, que na época tava com um ótimo time também, tavam levando as meninas da seleção para lá para igualar os times, só que minha mãe ficou com medo, por ser muito longe, eu tinha 14 anos. Aí eu retornei para casa, tinha que retornar para ele, mas acabei não retornando. Continuei no salão, aí depois eu fui para o Bangu, aí então os caras do salão me ligaram, que eu tinha sido convocada para a seleção paulista de 2011, aí eu fiquei lá... fiquei um bom tempo treinando na federação paulista, preparativo para este brasileiro, na verdade esse brasileiro é como se fosse um mundial também, porque só tem no Brasil. Então ser campeão no Brasil é ser considerado campeão mundial, aí a gente foi bem feliz, fomos campeãs lá, com a seleção paulista sub-17.

3- Quando você jogava futsal, você sempre pensou em ir para o campo?

Sim, eu tenho até um jornal em casa quando eu... tenho até um jornal em casa que eles vieram fazer uma entrevista quando eu tinha sido artilheira de um campeonato de salão, mas assim, todas as minhas respostas, hoje eu olho assim mais de um ano, todas as minhas respostas assim falando... tipo de ser profissional no campo, de vestir a camisa da seleção brasileira, mas assim atuando no campo.

4- Você foi para o Santos, para o Vitória em Pernambuco... Sempre teve o apoio da família para ir? Ela te incentivava a buscar seu sonho?

Então quando eu tinha 11 anos, eu tinha uma proposta para jogar salão lá em Jaguaré, mas eu era muito nova, então a minha mãe tipo... ela não deixou eu ir, na verdade ela deu um apoio, mas na hora não deixou eu ir, daí eu fiquei sem falar com ela, fiz uma cartinha para ela falando que ela tinha acabado com meu sonho, oia? Ai, depois de um tempo a minha mãe viu que tava amadurecendo, viu que já tava assim, podia confiar, passei confiança para ela, ai sim ela deu total apoio, ela e toda a minha família também.

5 – Como você foi parar lá no Vitória em PE?

Então, eu disputei um campeonato carioca pelo Bangu, porque assim o técnico do Santos era o Kleiton Lima, daí saíram do Santos e montou esse time que era para ser, na verdade, o Flamengo. Aí então quando ele me ligou eu falei: “Pô o Flamengo, time grande e tal”, daí ficou toda essa sensação. Aí, só que aí a Patrícia diretora lá do Flamengo acabou não assinando o papel e acabou virando o Bangu. Aí a gente ficou seis meses disputando o campeonato carioca, mas depois que acabou ele já tinha fechado com o Vitória para disputar a Copa do Brasil. Porque lá o Pernambucano é um pouco fraco e o campeão já estava sendo praticamente o Vitória, então o Vitória ia representar o Pernambuco na Copa do Brasil. Aí deu seis meses a gente já foi para lá, mas assim, metade do time só foi para lá, ai a gente se juntou, foi meio que uma parceria do Vitória com o Bangu, ai eu fiquei lá esses seis meses e depois eu fechei o outro ano, de 2012. Aí joguei o ano inteiro e agora 2013...

6 – Quando você foi para lá alguém da sua família chegou a te acompanhar?

Não, fui sozinha.

7- Como foi disputar a Libertadores lá pelo Vitória-PE, porque ele sediou a edição de 2012...

Sediou, é então assim... lá a torcida apoia muito, até na Copa do Brasil mesmo na final contra o Foz, a torcida lá... dá muito prestígio jogar lá, gostoso para caramba. Na Libertadores também, a gente não foi tão feliz, ficamos em quarto, mas tipo a torcida dando apoio, torcida cobrando, é bastante gratificante jogar lá, pela torcida assim, eles valorizam muito o futebol feminino.

8- Você passou pelo Santos, Vitória, Bangu e agora o São José, você sente diferença nas estruturas para o futebol feminino destes times?

Ah não, a estrutura do São José está assim, bem a frente, a estrutura do Vitória, por lá ser interior, às vezes faltava até água para a gente, porque lá falta água na verdade, né? Então às vezes faltava água, você tava tomando banho e até apagava a luz assim, nossa (risos), a gente juntava para dar risada e tal, mas a estrutura aqui é (cala boca, Gisele), a estrutura aqui é bem melhor.

9- E você foi convocada para a seleção Sub-20, como foi? Você lembra quando recebeu a convocação?

Tinha acontecido uma primeira convocação eu tava no Vitória, o técnico da seleção era do Vitória. Daí teve a primeira convocação, era dia antes do campeonato... do Mundial, aí ele não me convocou, daí eu vim para casa e tal... daí, tipo assim, sabe quando você... eu falei assim: “não eu vou ficar treinando”... eu voltei para casa e continuei treinando para a Libertadores, mas tipo, nada assim de seleção. Aí tranquilo, aí eu treinando, eu acho que até Deus, porque eu fiquei treinando uma semana inteira muito pegado, muito pegado mesmo, eu falei assim: “Caramba pra quê tudo isso sendo que a Libertadores é só daqui um mês, né?” e eu na maior pegada, acordava na maior disposição, aí tá... aí daqui a pouco uma amiga, a Thaisinha que tá na principal, ela pegou e mandou uma mensagem dizendo que tinha uma boa notícia e fazia um tempo até que a gente não se falava e tal. Que tinha uma boa notícia e tal, mas só que não podia falar para ninguém, porque ninguém sabia, porque... e era sobre a seleção, mas assim para mim foi um estouro, daí eu já sai correndo dentro de casa assim, falando: “mãe, mãe, mãe, mãe, eu acho que vou ser convocado para a seleção”, com o olho brilhando e tal, feliz para caramba, aí depois o técnico da seleção me ligou ainda perguntando se eu tava treinando. Mas aí eu não tinha o passaporte ainda, nossa aí foi a maior correria da minha vida, ele pegou e falou assim: “eu vou te fazer uma pergunta e que se a resposta for não acabou com tudo, você tem o passaporte?”. Aí eu travei, porque não tinha né, aí eu pensei: “puta, não acredito que vou deixar de ir para o Mundial por conta da porra do passaporte”. Aí eu peguei e falei: “não tenho”, aí era feriado ainda, era uma quinta, sexta era o feriado, sábado e domingo não abre o lugar onde você tira, e ele falou assim: “você tem até segunda-feira para me entregar o passaporte, qualquer coisa me liga porque eu vou ter que ir atrás de outra atleta se você...”. Aí beleza, aí eu fui, fiz a maior correria do caramba, aí eu consegui... tinha um sobrinho meu que tinha contato lá dentro da Polícia Federal e me salvou, mas... foi bem feliz mesmo.

10- Como é treinar na seleção? É muito diferente do clube em estrutura?

A estrutura lá e tudo que uma jogadora, um jogador sonha. O gramado, alimentação, moradia, tudo... é muito bom.

11- E para você como jogadora, quais foram as principais dificuldades que você enfrentou?

Então... ficou... porque quando a gente jogou pelo Bangu a gente ficou até morando em Guarujá, então até dava para vir para casa, mas quando eu fui para o Vitória é muito longe de casa, então para mim a maior dificuldade mesmo de jogador é ficar longe da família. Porque o resto... da um jeito, até a estrutura lá se relevava assim, a estrutura lá as vezes até faltava água, falava assim, mas isso era o de menos, o pior mesmo é a saudade.

12- Porque ser jogadora de futebol?

Então, até hoje eu paro e penso: “Poxa, tem tanta coisa para fazer”, mas desde pequena brincando com os meninos, jogando bola, sei lá, aquela paixão foi tomando conta do coração e hoje não dá para viver sem não.

13- Aqui no Brasil você sabe de alguma jogadora que consegue viver só da bola?

Conheço, aqui no São José tem bastantes meninas, né? No caso da Formiga que já é elite, tem bastante meninas que vive somente do futebol aqui. Mas também assim é raridade as que vivem só do futebol, assim. Muita raridade, mas tem.

14- Quais são suas expectativas como jogadora?

Ah, eu espero poder atuar pela seleção brasileira cada vez mais, e ganhar títulos pelas equipes que eu passar.

15 – Você acha que o futebol feminino ser encarado como “amador” pela federação dificulta alguma coisa?

Ah, na verdade eu acho que é mais questão de... (Tô indo, to indo). Eu acho que é mais questão de torcida, o resto, quando a torcida finalmente colocar na cabeça que o futebol feminino também dá alegria, que o futebol feminino também é prazeroso, aí sim o futebol feminino vai para frente. Porque também, o São José dá uma estrutura enorme, tem atleta da seleção brasileira, a grande maioria, mas as vezes tem jogos com muita pouca gente... então, isso realmente desanima um pouco. Mas depois que a gente conquistar o público, aí sim vai para a frente.

16- E quais suas expectativas para o futebol feminino?

Sim, eu acho que depois que a gente ganhar um título mundial aí sim vai para a frente, a gente vai trabalhar bastante para isso.

ANEXO 7 – ENTREVISTA - Rafaela Heloísa Graciano Silva (jogadora)

1) Qual é a sua idade?

Eu tenho 23 anos.

2) Você é daqui de São José dos Campos?

Sou daqui de São José dos Campos, sou joseense.

3) De qual região você é?

Eu sou da zona norte, vivi sempre lá.

4) Como era a sua infância, suas brincadeiras preferidas?

Normalmente, quando a gente é menininho, a gente sempre ganha a bonequinha, mas sempre queria a bola, na escola foi sempre assim. E comecei na escola a jogar, joguei vôlei, fui para o futsal e joguei no campo durante dois anos, que foi onde eu conheci os títulos de maior expressão que foi a Libertadores, a Copa do Brasil e o Paulista.

5) Foi na escola a sua primeira relação com a bola?

Não, na verdade eu já brincava na rua, desde os 5, 6 anos já estava ali na rua brincando com a molecada, meninada, tinha algumas meninas que brincavam, daí depois as meninas foram saído e só ficando a molecada, mas sempre ali brincando pela rua.

6) Você lembra o que pesou para passar do vôlei para o futsal?

Como sempre o que pesou no vôlei era a altura, minha altura não era adequada para o vôlei. Daí foi quando eu comecei... Eu já jogava futsal, mas tinha preferência pelo vôlei, daí eu comecei a jogar futsal e comecei a ver que ali era o caminho certo, desde então eu não parei mais.

7) Sempre uma esportista, você sempre praticou esportes?

Sempre quis fazer esportes. Faculdade, eu tenho faculdade, formei em educação física no ano passado, só que a minha primeira faculdade que eu morria de vontade de fazer era administração, daí eu vi que não era o ramo... que não era o certo, eu tinha que fazer educação física.

8) Você sempre teve um suporte familiar?

Ah, minha família sempre apoiou, no começo a minha mãe ficou meio assim e tal, mas a minha irmã sempre jogava vôlei comigo, então minha família sempre apoiou. No começo a minha mãe ficou meio assim, mas depois ela viu que não adianta, era a minha vontade eu queria tá ali naquele meio e comecei, daí ela sempre apoiou.

9) Existe uma “tradição social” que o futsal e futebol são mais masculinos e o vôlei feminino, quando você saiu do vôlei para o futsal houve esse baque na sua família ou foi tranquilo?

Não, em questão disso foi tranquilo porque, por estar no meio do esporte independente se era vôlei, futsal, futebol... era aquilo que eu queria, era esportes, esportes, esportes, independente da modalidade que seria.

10) Quando começou essa sua história com o futsal?

Então, eu comecei o futsal em 2001, se não me engano... Em 2001 se não me engano, 2001 ou 2002, no finalzinho de 2001/2002, comecei no futsal, eu tava jogando na escola a amiga da minha irmã chegou e me perguntou se eu não queria jogar no time em que ela jogava para fazer um teste lá, daí eu fui, na verdade assim, eu fui, comecei a fazer o teste, passei no teste, meio “não teste”, fui lá e comecei a treinar, o treinador gostou e daí eu fiquei, desde então eu não sai mais.

11) Como é que você se encontrou no campo, quem te convidou?

Na verdade o treinador do campo, que é o Márcio Oliveira, ela já trabalhou no futsal então ele já me conhecia, então foi mais fácil essa transição, tanto que a minha passagem já foi direta para o campo, foi mais fácil.

12) E para você como jogadora, como foi a transferência do salão para o campo?

No começo eu achei meio complicado, porque no futsal o espaço é mais curto, você tem que pensar rápido, se você perder a bola tem que pensar rápido, você não tem tempo de descansar. Agora, no campo, não. No campo pode descansar um pouquinho que seja, que você pode esperar até a bola chegar lá na frente, no ataque e voltar. Só que assim, no começo a transição... a transição é muito difícil, porque no futsal você tem um jeito de dominar, no campo já tem outro jeito então é um pouco difícil, mas até que eu me adaptei rápido e consegui, tanto que no final do ano eu fui convocada para ir para a Libertadores, uma coisa que eu não esperava nem um pouco.

13) Como foi essa experiência dentro do campo, que é um esporte que ganha mais mídia que o futsal?

Bom se você for ver para mim foi uma experiência única, porque era uma coisa que eu não esperava, sair do salão que não era tão visado como o campo, cheguei no campo, me esforcei, consegui ir até a Libertadores que o título mais importante que eu tenho até hoje, que é um título internacional, e o campo assim, por ser um campeonato brasileiro, ter a Copa do Brasil, você tem uma visibilidade maior, você viaja mais, você conhece outros estádios, entendeu? É isso que acontece, mas assim... Se eu pudesse voltar ao campo eu voltaria, mas eu ainda prefiro o salão pela experiência que eu tive de nove anos no salão. Mas assim... Eu sai do campo por escolha própria, assim, eu que quis voltar para o salão, porque eu sempre queria que o salão fosse

adulto e o salão voltou a ser adulto, né, no Estado de São Paulo daí eu voltei, foi por isso.

14) Como foi participar da Libertadores ao lado de jogadoras como Cristiane, a Formiga?

A Cristiane infelizmente eu não tive o prazer de jogar com ela, mas a Formiga, Bagé, Fran, as meninas de seleção Dani, assim, é muito gostoso, elas passam uma experiência, uma segurança ali dentro de campo e assim, elas são muito amigas tanto dentro como fora do campo, entendeu? O que elas puderem ajudar, elas tão ali, o que elas puderem corrigir: “Oh é assim, você tá chegando agora eu vou te dar algumas dicas”, foram sempre assim parceiras mesmo.

15) Nessa Libertadores teve um público diferenciado, como era entrar e ver toda aquela torcida, o estádio lotado?

Só de você chegar no estádio assim, você ver aquela movimentação maior assim, você já começa aquele “friozinho” na barriga como sempre tem em um jogo, mas você entra no vestiário e aquele clima diferente por ser um campeonato internacional, pessoas de fora do Brasil vir assim, mas na hora de subir a escadaria assim para entrar em campo... você olha assim, você vê assim e diz: “Meu Deus e agora? Agora não tem como voltar atrás, vamos que vamos que a gente não pode desistir em momento algum”, mas assim... É uma sensação única você ver assim aquele estádio lotado com mais de 15 mil torcedores, e ali apoiando você, torcendo por você, foi uma coisa fantástica para São José dos Campos.

16) E o jogo contra o Santos, como foi?

(O São José) Era um time convidado só, mas assim foi um prazer enorme, porque o Santos, a gente tinha um pezinho meio atrás porque todas as vezes que íamos jogar contra o Santos perdíamos, mas daí a gente começou a ter um índice maior de vitória contra o Santos e aquele, poder tirar o atual campeão do campeonato foi um momento histórico e único que ficará para sempre na história do futebol feminino de São José dos Campos, e ainda mais com um gol da Fran que era jogadora do Santos e veio para cá.

17) Como era os bastidores desta competição, vocês chegaram a conhecer alguma outra jogadora de outro país, ter alguma conversa?

Olha, na verdade assim, eu não tive muito contato com as jogadoras, mas elas vinham assim, conversar assim com as meninas que já... que já tinham ido para fora que eram de seleção brasileira, tinham um contato maior, mas eu assim, eu não tive nenhum contato muito próximo com nenhuma jogadora lá, mas o ambiente assim, era diferente a gente tinha que estar concentrado, era um momento assim... Três, quatro hora antes do jogo assim, tem aquela concentração, tava todo mundo concentrado que era aquele

objetivo, para vencer, de qualquer placar seja de meio a zero, né? Como dizem, com gol de joelho, de costas... mas o importante era a vitória para a gente.

18) Como atleta, ao longo destes anos, quais foram as dificuldades que você encontrou?

Falta de patrocinadores, investimento maior, deixa eu ver aqui... Eu acho que é mais isso, um apoio maior, tem sim um apoio da prefeitura, alguns patrocinadores que acreditam no futsal e no futebol feminino, mas a gente ainda precisa de mais apoio para a gente poder crescer mais e a luta do futsal que é para entrar nas Olimpíadas, que ainda é muito grande, e é um sonho de muitas atletas, muitos atletas até os masculinos, mas a gente tá na expectativa de poder ser um esporte Olímpico. Então... Porque ai é que tá, por não ser olímpico não consegue ter tanta dimensão que o futebol tem, o futebol já é olímpico então tem um reconhecimento maior... Então a briga é essa e por ser feminino, fica muito aquém do masculino.

19) É muito grande a diferença em conseguir patrocínio ou apoio entre o futebol e o futsal?

AAA sim é grande é, mas não é tão grande. Por se tratar de ser feminino a dificuldade é maior, mas o campo por ter mais visibilidade de televisão, por ser uma modalidade olímpica tem... É mais fácil de você conseguir que um futsal, porque assim o futsal não é olímpico, os campeonatos são... Não tem muito campeonatos pelo Brasil então fica mais difícil. Então o futebol em si é mais fácil, é mais visado.

20) Porque praticar futebol?

Olha... é uma coisa... única... é uma paixão, não adianta. As vezes não é o dinheiro que traz tudo, as vezes só de você ter o prazer ali de estar praticando aquele esporte que você faz e que você gosta é um momento único e é... uma sensação única, então é amor. Por vestir a camisa, no futsal eu já tive proposta para ir para outra cidade, não fui. Sempre vesti a camisa... Faz praticamente 12 anos que eu visto a camisa do São José seja de campo ou de salão, mas eu tô sempre aqui, por gostar mesmo, por amar, paixão mesmo pelo esporte.

21) É possível uma mulher viver só do futebol aqui no Brasil?

Aqui no Brasil são poucas que conseguem viver... são pouquíssimas. Mas... é muito difícil a maioria vai para fora, porque lá fora é mais... as condições são melhores de... financeiramente (GIU: Você, por exemplo, você completa a sua renda com outro trabalho?) Sim, eu tenho outro serviço, eu trabalho com outras coisas, eu sou professora de educação física e atualmente eu trabalho nestas academias ao ar livre.

22) Esse amadorismo do futebol, ele dificulta o crescimento, ele impede algumas coisas?

Ah impede, porque talvez... Se no futebol feminino, se no masculino fosse obrigado todos os times grandes ter um time feminino talvez as coisas fossem diferentes, mas não, como agora é tudo adulto, deixou um pouquinho de lado as categorias de base, não é mais todo time que tem categoria de base, só priorizam a modalidade livre que é a adulto.

23) Você tem alguma expectativa para o futuro do futsal aqui em São José, no Brasil?

Expectativa a gente sempre tem, né? Sempre tem aquela esperança de um dia poder mesmo que seja tarde para mim, por conta da idade, mas tem... de poder ver um futsal como um esporte olímpico, um futebol feminino pode ver... as meninas poder viver só daquilo, só daquela renda do futebol, não ter que precisar ter um trabalho a parte, porque querendo ou não você acaba tendo que viver uma rotina assim muito puxada de ter que trabalhar de manhã, ter que sair e ir pro treino, trabalho num terceiro período, que seja, a noite, e é isto que acontece.

Informação em OFF: É comum as meninas do campo praticar simultaneamente o futsal até pouco tempo, agora elas estão voltando graças a permissão nacional da categoria adulto.

Rafaela marcou um gol na Libertadores no empate em 4 a 4 contra o Formas Íntimas (Colômbia).

ANEXO 8 – ENTREVISTA - Selma Profício (ex-técnica de futebol)

1- Como começou a sua história no futebol?

Começamos em 1984

2- Você começou no campo?

Comecei no campo, a gente disputava... aqui tinha 15 equipes femininas.

3- Como era o campeonato naquela época, como era organizado?

A gente disputava a Copa Vale Paraibano, o jornal “O Vale Paraibano” deu muita força para a gente.

4- As 15 equipes eram daqui da cidade?

Daqui da cidade... não, tinham equipes de Pinda, Taubaté e Caçapava.

5- Os jogos eram em lugar único, só no ADC Parahyba, ou eram...

Não, não. A gente ia no campo deles também. É, era a Copa do Vale Paraibano, né? Então a gente ia para essas cidades do Vale, a gente ia para Pinda, eles vinham para cá, a gente ia para Taubaté, eles vinham para cá. O mando de jogo era cada um em uma cidade.

6- Como era a realidade do esporte, futebol feminino, naquela época?

Ah, muito preconceito. Muito preconceito. As meninas que jogavam bola eram tachadas de masculinizadas, né? Inclusive uma palavra que eu nem gosto de falar, sapatão, né? Que eles falavam. Mas a gente conseguia, o meu time... eu era técnica, meu marido era massagista e o meu irmão fazia parte da diretoria, então era um time bem familiar.

7- Como vocês conseguiam as garotas, como conseguiam ter as jogadoras?

Então, a gente conseguiu... tinha meninas que não sabiam nem dar um chute na bola, então a gente conseguiu meninas... eu fiz assim, eu fiz uma seleção, peguei as meninas de Caçapava, Taubaté, Pinda e as de São José, as melhores e montei o time “Raio de Sol”, daí eu sai para disputar fora no Estado de São Paulo e Minas. Com o Raio, com essas meninas. Então eu fiz assim uma seletiva, tinha umas 20 meninas. As melhores, então eu tive esse time ai...

8- A disputa da Copa Vale do Paraíba ajudou nesta seleção?

Ajudou, ajudou... Foi aonde eu consegui essas atletas que eu tinha de Pinda, Canas também...

9- Então o Raio de Sol era como se fosse uma seleção do Vale?

Uma seleção do Vale, exatamente, porque os times pequeninhos não conseguiram sobreviver, daí acabou. Ai ficou só o Raio de Sol, aí com o tempo, estava tendo muita despesa, eu procurei o Pedro Yves que era o prefeito da cidade nesta época, depois mais para frente, aí eu consegui colocar o nome de São José Esporte Clube. Era o Pedrinho Dominicalli que era o presidente do São José, ai foi quando eu tive uma base melhor ainda, aí eu pude sair para outras cidades: Campinas, Sorocaba, Piracicaba, Cruzeiro, aí eu comecei a expandir, com o nome do São José.

10- Neste período com o nome de São José você mudou de campo, atuaram no Martins Pereira?

Cheguei a atuar no Martins Pereira, fizemos preliminar a noite do time principal.

11- Havia discriminação com as atletas e membros da comissão técnica naquela época?

Aaaah tinha muita discriminação, e também tinha... aconteceu, que tinha muita gente que queria montar time feminino, mas com segundas intenções. Aonde os times não sobreviveram. Agora o meu time não, o meu time era mesmo de família, inclusive as atletas dormiam na minha casa, elas tinham... por exemplo, se a gente ia jogar em Campinas, elas vinham em casa no sábado, a gente ia jogar no domingo, concentrava na minha casa. E a prefeitura dava ônibus para a gente viajar.

12- Como era a rotina de treinos na época?

Então, no começo... quando começou mesmo o Raio de Sol lá em 84, a gente treinava no campinho de vira roça, campinho de terra, tudo. Depois a Tecelagem Parahyba nos deu o campo e a gente treinava e tudo. E o Futsal, que a gente jogou futsal a gente foi campeão metropolitano e tudo, a gente usava a quadra da Casa do Jovem, que o Zezinho Friggi nos ajudava.

13- Na época eram os dois, né? As mesmas meninas que disputavam o campo...

A gente disputava os dois campeonatos, na mesma época.

14- Como era a rotina para elas, algumas delas trabalhavam?

Não, as meninas não trabalhavam. Eram tudo novinha. Eram 15, 16, 17 anos. Então as meninas não trabalhavam. Antigamente, há 20 anos não havia emprego para meninas novinhas. Hoje já tem, né?

15- Quais eram as principais dificuldades naquele período?

A barreira financeira, alimentação. Foi onde a gente teve apoio da prefeitura do Joaquim Bevilacqua, do Pedro Yves, depois entrou outras pessoas e a gente começou a ter problemas... daí eu mandei três jogadoras para a seleção brasileira: a Valéria, a Míriam, goleira... a Valéria, ponta-esquerda e a Solange. A Solange, ex lateral-esquerdo.

16- Como surgiu esse seu interesse com o futebol feminino?

Sabe o que é? A minha família já teve jogadores. Eu tive um tio que jogou no Palmeiras, eu desde criança... meu pai também jogava em um time lá de Itajubá, o Smart lá de Itajubá, um time também muito conhecido no interior de Minas e eu era, desde pequenininha acompanhava o meu pai. Ao futebol e tudo, e também tem um carinho, inclusive eu tive um filho que chegou a jogar no time profissional do São José. **(Giu:Então era isso que a entusiasmava a manter o time?)** É, é isso que... eu gosto desse esporte, é um esporte que eu gosto.

17- Você conheceu alguma atleta que foi impedida por alguma coisa além de sua habilidade?

Tive, tive... isso aí é triste, mas tem, não conseguia, né? Então a gente ia deixando de lado, deixando no banco e ela ia desistindo. **(Giu: Mas nunca houve uma proibição por parte de pai, namorado?)** Não, não, não. Eles vinham, conhecia a família, eu e o meu esposo, já falecido, e a gente... eles viam que a gente tinha uma índole boa, graças a Deus. Então as meninas menor de 13, 14, 15 anos viajavam comigo, a mãe dava uma autorização e a gente viajava. E graças a Deus nunca aconteceu nada.

18- Como era a recepção da torcida?

Ah, eu tinha torcida organizada. Quando eu comecei no Raio de Sol, os irmãos, os tios, nossa... Tavam tudo delirando, e as meninas jogavam bem mesmo, inclusive ganhou um amistoso da seleção masculina de futebol daqui de São José, de jovens, disputado ali no CTA. As meninas eram boas de bola mesmo. Aí tinha torcida organizada, eles tinham camisas do Raio de Sol, bandeira, aquele bambu grande com aquele lençol eles faziam bandeira do Raio de Sol, falar para você foi um time que... olha me dá saudades.

19- Quando acabou o Raio de Sol?

Então, daí a gente foi para o São José. Ai depois, eu já estava com 41 anos de idade eu fiquei grávida, já tinha uma filha de 18 anos. Daí o médico achou melhor eu fazer um pouquinho de repouso, foi quando eu parei com o futebol. Mas muitas meninas continuaram, algumas foram para o Sul, porque elas eram conhecidas, umas foram para o Sul, outras para São Paulo, outras para o Saad, em Campinas, inclusive três, essas três que eu estou falando para você foram para a seleção. A Valéria, que eu sei, ela jogou nos Estados Unidos, na Suíça.

20- Esse time do São José, herdado do Raio de Sol, é o mesmo time que vemos hoje?

Não, não. Parou, não teve mais. Passou uns três ou quatro anos, um pouquinho mais. Ai o Eduardo, né? Acho que é o treinador. **(Giu: Márcio)** Márcio! Ele montou o time,

mas não tem nada haver com as nossas meninas. **(Então teve a pausa neste futebol feminino?)** Teve, teve quase uns cinco ou seis anos, pelo menos.

21- Quantos anos viveu como técnica de futebol?

Eu fiquei de 1982 até 1991 **(Giu: Era sua única profissão?)** Não, eu estava como dona de casa, né? Porque eu sempre trabalhei, eu sou professora de educação física, mas eu tive um probleminha na perna, então eu me aposentei, né? E fiquei tomando conta do futebol.

22- Atualmente, como é que você enxerga o panorama do futebol feminino?

Ah, muito bom. Muito bom. Agora tem estrutura, né? O meu não tinha estrutura, a gente comia pão com mortadela e tomava guaraná, né? Acabava o campeonato a gente era campeão, então a gente tomava guaraná e comia pão com mortadela. Hoje não, as meninas tem estrutura, né?

23- Na sua época, a Federação Paulista, a CBF chegavam a organizar um campeonato assim pras meninas?

Então, esse campeonato que a gente disputou em São Paulo, inclusive eu estou com o jornal aqui é... Era do futebol de salão, eles tinham lá do Ciro Lacada, eles tinham lá a Federação Paulista de Futebol de Salão. O estadual era o Saad, que era o Romeu, que hoje é um dos organizadores da Seleção Brasileira também. E ele também tinha pela federação, tinha carteirinha, tudo certinho...

24- Como o esporte poderia se tornar mais popular?

Eu acho que já está bem... bem adiantado já. Eu acredito que as mulheres tenham que mais participar, porque quem mais participa de torcida é homens... A mulher tem mais preconceito do que o homem. Você pode ir no campo quando tem um campeonato e pode ver a maior parte da torcida é homem, não é porque eles vão para ver as meninas, eles gostam do futebol, eles apoiam o futebol feminino.

25- Houve evoluções no tratamento das jogadoras do início de seus trabalhos no futebol para atualmente?

Houve, houve sim... hoje eles tem massagistas, eles tem academia para fazer tratamento, a gente não tinha nada, foi com a cara e a coragem mesmo.

26- Essas viagens vocês bancavam partes dessas viagens?

A prefeitura nos dava as conduções, dois prefeitos que foi o Joaquim Bevilacqua e o Pedro Yves. Então os dois prefeitos, o Robson Marinho também nos ajudou, então a gente teve apoio da prefeitura, mesmo quando a gente estava com o nome de Raio de Sol, o Bevilacqua e o Pedro Yves nos ajudaram. Quando eu fui para São José, ai foi a parte do São José, O Henrique Ferros nos ajudou, enquanto era presidente do São José. Depois foi o Pedrinho Dominicali, né? Então eu tive apoio assim, em condução...

quanto a alimentação, a gente fazia entre nós mesmo. Eu tive gastos também, tive, tive... meu marido ele trabalhava, a gente tinha uma condição financeira até boa, então dava para ajudar assim. **(Giu: Então vocês cuidavam do time assim do Raio de Sol como se fossem suas filhas?)** É, tinha o carinho e o amor, tenho ainda por elas.

27- E esse período do Raio de Sol, a senhora sente saudades?

Aaah, eu tenho saudades. A gente viajava, passeava bastante, conhecia muitas cidades do interior, né? Em São Luis do Paraitinga mesmo, a gente foi lá, o cidade bonita. Todo mundo nos recebia com muito carinho, com amor. E a gente era um time de respeito, muito respeitado, inclusive São José dos Campos, no futebol feminino, ficou conhecido pelo time do Raio de Sol.

ANEXO 9 – ENTREVISTA - Silas Periera (Editor chefe do *Globoesporte.com*)

1) Há quanto tempo você atua como jornalista esportivo?

O *Globoesporte.com* começou no ano passado, né? No meio do ano passado e antes do *Globoesporte* eu trabalhava aqui na Vanguarda mesmo, mas só que abrangendo todas as áreas, não só o esporte e desde o ano passado focando só no esporte.

2) E como foi essa transição dessa linguagem?

É, então... o que a gente fez foi contratar profissionais especializados na editoria de esportes. O que a gente costuma dizer por aqui que é completamente diferente das editorias comuns, né? Como cidade, política, etc.. da editoria do esporte. Precisa de um cara especializado, um cara que vai cobrir o treino do São José ele tem que conhecer como é que foi o São José nos últimos anos, últimos jogadores, toda a história do time, então é complicado você ter profissionais que sabem questões superficiais sobre esportes, é legal você aprofundar, então foi isso que a gente fez e implementando todas as metodologias que o *Globoesporte.com* faz em todas as praças já. Estão trabalhando em rede, assim como a TV Globo fez as afiliadas, a Vanguarda é uma filiada da TV Globo, né? A mesma coisa está acontecendo com a *Globo.com* na internet, então o *Globoesporte* está se espalhando por todas as filiais da Globo e chegou aqui no Vale do Paraíba... então a gente cobre todos os times do Vale do Paraíba, cobre todas as curiosidades, mas seguindo a mesma linha do *Globoesporte.com* que já é consagrada na internet, né?

3) O projeto de trazer o *Globoesporte.com* para cá foi também uma demanda da população?

Sim, esse projeto era mesmo da Globo, né? De expandir para todas as cidades. A ideia da Globo é estar um *Globoesporte.com* e um *Gl.com.br* em todas as suas praças, em todas os lugares, porque essa é a maior diferença da Globo, né? O sistema da Globo, ela tá fazendo a mesma coisa que ela fez na televisão, agora na internet.

4) Em uma região repleta de investimentos nos esportes como abranger tantas modalidades e cidades?

Então, a gente tem uma equipe com três repórteres na rua e eu como editor aqui na redação e, a gente conta com a estrutura da Vanguarda. Então a gente tem uma viatura, um carro... então o que a gente faz é ir no lugar que tiver demanda. Pindamonhangaba, quando o Luiz Gustavo... Pinda, infelizmente, até acabou com o esporte lá, né? Mas quando o Luiz Gustavo, que era da seleção, veio para Pinda... para agradecer o pessoal depois da conquista da seleção (Copa das Confederações 2013) a gente pegou o carro e foi até Pinda, quando tem jogo do Taubaté no Joaquimzão, pega o carro e vai até Taubaté. Pega o carro e vai para Guará, quando tem jogo da Série B, a gente cobre todos os jogos em tempo real de todas as partidas seja onde a partida estiver. Então

ontem, por exemplo, teve jogo do Bragantino, que é da nossa região também, então Bragantino e ASA lá em Arapiraca, a gente acompanhou o jogo pelo *Premier*, né? Que passa todos os jogos da série B e fez a transmissão em tempo real deste jogo, crônicas logo depois, fotos... então série B e série A a gente consegue fazer isso. Os times menores a gente vai de acordo com a demanda, apareceu um time novo a gente vai atrás, agora Jacareí vai ter um time de vôlei feminino, a gente tá querendo ir amanhã lá cobrir um treino deles, pode ser... é dessa forma que a gente vai atrás. Mas infelizmente a região ainda tem pouco, a gente vê outras praças, outras filiais aí que tem times de futebol grandes, né? Primeira divisão e tal, e a gente, infelizmente, só tem dois times de Série B. A gente queria que o São José estivesse na Série A, Taubaté, essa é a nossa torcida para que a gente tenha uma abrangência maior do nosso trabalho.

5) Como que vocês vão mesclando as pautas?

Então, a gente faz o possível para cobrir tudo, mas nem sempre a gente consegue. Hoje, por exemplo, agora, três horas da tarde, a gente coloca na nossa lousa, nossa agenda, tem dois jogos no mesmo horário Taubaté e Joseense. E hoje nós temos um repórter que está de férias e tem um repórter que está em Aparecida para ajudar o pessoal do G1 (cobertura do Papa). Então são dois jogos no mesmo horário e o Arthur é quem está fazendo os dois jogos. Ele está ouvindo na rádio, não pode ir até o Joaquimzão ou no Martins, o ideal seria hoje mandar um repórter para o Martins Pereira e outro para o Joaquimzão, infelizmente não vai poder então a gente conta com o trabalho de assessoria de imprensa com fotos, ouve o jogo pela rádio, até a rádio entrevistando depois os jogadores para fazer um repercuto, como é que foi o jogo, a gente costuma fazer dessa forma, de acordo com a equipe que a gente tem para mandar.

6) Existe na equipe uma divisão entre repórter e um respectivo esporte para fazer cobertura?

Não, assim... a gente até cria uma divisão para eles... até para criar uma ligação melhor porque é sempre o mesmo cara que liga para a mesma pessoal. Então a gente tenta criar isso no futebol, o Arthur, por exemplo, tá sempre junto com o pessoal do Bragantino, quando é um treino em Bragança é ele quem vai, já sabe chegar até lá no CT do Braga em Bragança Paulista. Em Guará, muitas vezes quem vai é o Felipe que está de férias, mas agora se tiver alguma coisa lá e o Felipe de férias o Arthur pode ir lá, sem problemas. Geralmente a gente divide assim, mas é bem flexível... Hoje, por exemplo, aconteceu uma bomba lá em Guará e o Felipe não tá aqui, a gente vai ter que ligar para lá, não tem jeito. Então uma coisa que a gente faz também, a gente tem uma agenda... A gente tem uma agenda no Google Docs que eu sempre peço para o pessoal que está na rua, sempre... não esquecer de atualizar, porque vira e mexe o time muda de técnico, chega um jogador novo, então a gente tem uma agendinha aqui com: Bragantino, assessor de imprensa, assistente técnico, com os telefones de todo mundo,

então se algum problema acontecer ou chegar um repórter novo aqui na redação, ele consultando isso daqui ele consegue trabalhar, ele consegue fazer uma ronda, tranquilo.

7) Há preocupação em cobrir a maior quantidade de esportes?

Ah, a gente gosta assim... eu acho assim, é legal você dar destaque para esportes que são menos falados, normalmente o pessoal do rugby, o pessoal do basquete elogia muito a gente, o técnico até, o pessoal que está sempre na rua fala: “Pô Silas, o técnico do São José, o Marrelli parabenizou a gente porque a gente está em todos os treinos deles e ninguém faz isso, ninguém faz essa cobertura, ninguém dá esse destaque”. Então o que a gente gostaria era de falar de todos mesmos, dar destaque para todos porque eu acho que isso é legal, porque isso dá uma visibilidade boa para os atletas, para as cidades, né? Isso é importante.

8) Quais os esportes ou notícias que mais rende acesso?

Primeiro lugar é o futebol disparado... disparado, disparado, disparado... e depois você tem Fórmula 1, basquete, vôlei, tênis, mais ou menos essa sequência. O futebol lá em cima, ah não... o MMA também, ganhou muita força de um tempo para cá, então tudo que é Combate tá em segundo lugar já, junto com Fórmula 1 e depois disso vem basquete, vôlei... Em todos os esportes assim, o que a gente vê que ganha mais visibilidade são os casos curiosos, os personagens diferentes, pega o Lorena mesmo do vôlei, quando ele fala alguma coisa assim mais forte, dá um destaque maior. São mais as personalidades assim, os personagens dos esportes que falam mais.

9) Mesmo com os títulos conquistados pelo futebol feminino nos últimos anos, são estas histórias incomuns que acabam chamando, verdadeiramente, a atenção?

Isso... é... O dia-a-dia do futebol feminino não dá um retorno em audiência tão grande, a gente cobre quando o São José faz jogos aqui, São José campeão paulista, São José campeão da Copa do Brasil, São José campeão da Libertadores, mas nunca teve uma repercussão tão grande como quando a gente publicou que jogadoras do São José vendem sorvete antes de jogo ou que jogadoras do São José lavam carros antes de jogo, técnico do São José que era metalúrgico virou técnico da seleção, do São José, então essas histórias, esses personagens que você encontra no futebol feminino acabam chamando mais atenção. A gente até percebe times, aqui no São José não aconteceu, mas times em que as jogadoras de futebol posam nuas para arrecadar dinheiro e tal tal tal, você vê que já chamou atenção, mas se você falar de um jogo, um resultado isso não dá muito... isso que a gente percebe aqui.

10) E como vocês chegam até essas histórias?

Então, isso é o que eu falo: “repórter tem que estar na rua, tem que estar no treino”. Não adianta você ficar aqui na redação ligando e falando: “Oh, tem alguma história curiosa aí?”, não. Então, o nosso repórter que descobriu essa história do sorvete foi o

Danilo Sardinha que é estagiário aqui, ele tava no treino e ele viu que as meninas estavam tomando banho rapidinho porque elas tinham que ver o negócio do sorvete e tal, “nossa, vocês vendem sorvete aqui?”, “Ah, a gente vende”, mostrou para ele e tal, e ele fez a matéria. Então você tem que estar acompanhando o dia-a-dia do clube para pegar essas histórias curiosas, teve uma vez que nós estávamos cobrindo o treino em Bragança Paulista, um dos primeiros dias do *Globoesporte* e o Arthur reparou na tatuagem do jogador do Bragantino que tinha uma placa, é... aquela placa de proibido, só que tava permitido, né? Tava aquela placa: “Permitido dar carrinho”, ele tinha tatuado na perna. E a gente fez uma matéria, deu maior repercussão e ele só descobriu isso porque ele estava lá no treino, né? Então a gente tem que ir no treino mesmo quando não tem pauta para ir ao treino, é lá no treino que você vai achar pauta, que vai achar qual vai ser o enfoque da sua matéria.

11) A repercussão da mídia aumenta de acordo com as vitórias dentro de campo?

Com certeza, é... O São José Basquete chegou nas finais dos jogos da NBB, jogos finais, né? E cresceu muito em repercussão por causa das decisões contra o Flamengo, contra o Brasília, então... quando você tem jogadores como Caio Torres, Fúlvio, Murilo, são jogadores de seleção, jogadores de ponta, que chamam atenção, chamam audiência, chamam acesso... então se você tem um time de ponta as chances de você ter mais audiência, mais acesso é sempre maior. Então a gente percebe que o São José... o São José futebol está ruim das pernas e dá boa audiência, imagina se estivesse na primeira divisão? Se estivesse bem.

12) A torcida do São José tem essa característica de seguir o time da casa, mesmo estando mal. As matérias sobre o futebol masculino dão retorno?

Dá, dá, dá audiência, dá retorno. A gente sente até falta, né? Porque o São José praticamente morre nesse semestre, a gente tenta caçar alguma coisa para falar do São José e vai falar do quê? Vai falar do estádio que vai reformar, mas não tem, não tem nem... o presidente tá saindo. Então, a gente fala que o São José dá mais acesso que o Guará até, às vezes. O Guará está numa série B, então a gente tá essa semana a gente tá surfando em audiência porque o Guará vai pegar o Palmeiras no sábado, então você... “Alex Afonso fala do Palmeiras”, “Saulo fala do Palmeiras”, “Fulaninho já jogou contra o Palmeiras”, e a gente vai ganhando acesso, ganhando acesso de torcedores do Palmeiras que leem as notícias do Guará.

13) Neste ano de *Globoesporte* você chegou a cobrir algum “Clássico do Vale” entre São José e Taubaté?

É, deixa eu lembrar... São José e Taubaté, eu acho que foi só o amistoso, porque o São José está na Série A2, o Taubaté tá na Série A3 e a Copa Paulista o São José não disputa. A gente cobriu esse final de semana Joseense e Taubaté que não é a mesma coisa, mas já teve até briga na arquibancada. Alguns torcedores foram parar na

delegacia, então a gente vê que é um negócio quente, até pelas redes sociais as torcidas estavam combinando de brigar, então tem uma rivalidade grande, mas na verdade, os dois não estão bem.

14) É interessante, porque no feminino tem os jogos entre São José e Taubaté pelo Paulista, mas não há tanta rivalidade e violência entre os torcedores.

Não tem essa rivalidade, né? É uma rivalidade que vem do futebol masculino, no futebol feminino a gente não vê isso, até teve no... basquete, handebol, às vezes cruzam de São José e Taubaté, às vezes Jacareí e São José no basquete, mas nada que se compare a rivalidade entre São José e Taubaté no futebol masculino.

15) A mídia pode funcionar como um mecanismo de popularização do esporte?

Ah, com certeza. A gente vê isso até pela televisão, desde que o *Globoesporte.com* foi lançado, que o Rogério Corrêa assumiu como diretor aqui do *Link Vanguarda* ele sempre firmou essa parceria: “Olha tudo o que vocês fizerem aí de esportes a gente vai chamar na televisão para dar uma repercussão legal”. Então várias dessas matérias que a gente fez que eu te falei, essa do sorvete, várias matérias a gente faz aqui, a gente chama a TV ou a TV nos chama ou faz uma matéria a mais e a gente vê que isso dá aquela popularizada, o cara te liga retornando, o pessoal comenta na rua, você vai no jogo do São José no basquete, o pessoal sabe o horário, sabe a tática: “Oh, eu li lá no *Globoesporte* que o cara vai sair”, então a gente brinca até que você cria heróis, né? Porque são pessoas desconhecidas, mas são atletas, mexem com paixão, então... Murilo, por exemplo, era pivô do São José, era um cara muito querido, tido como herói aqui da cidade, acabou saindo, acabou depois de sair falando mal daqui do time, você vê toda essa repercussão que dá, agora chega o Caio Torres, então... teve aquele conflito, então... isso mexe com o torcedor e populariza o esporte, começa a falar mais, você nas redes sociais até. **(Giu: O basquete inclusive conseguiu um espaço e apareceu no jornal da TV com uma longa entrevista)** Teve é... isso... tipo, eu acho que desde quando o *Globoesporte* estreou a TV passou a falar mais de esportes, com o trabalho que a gente tem diariamente de cobrir treino, de buscar histórias, só que a TV... ela... ela... como a gente cobre o dia-a-dia, a gente cobre o factual, o treino, a derrota, a TV vai atrás de histórias diferentes, casos, personagens mais curiosos. Então ela não acaba tendo uma regularidade falando de esportes, mas quando você acha um personagem interessante, diferente ela embarca e isso ganha uma popularidade, uma dimensão muito maior, porque você fala na TV a repercussão é bem maior do que ficar aqui só na internet.

16) Existia uma certa carência da cobertura esportiva aqui no Vale, você acha que o *Globoesporte.com* ajudou a preencher essa carência do torcedor do Vale?

Eu acho que sim, acho que ainda falta, mas é o que a gente até comenta aqui, que a gente acha uma coisa boa, é que começou a multiplicar os sites e blogs direcionados para os times da região. Nossa, vira e mexe, a cada dia é um link que o pessoal me

manda: “Oh Silas, olha um novo site aqui falando do Taubaté, olha um novo site falando dos times do Vale do Paraíba”, eu acho isso legal para caramba, a gente acessa todos, vê todos, né? Muitos são de estudantes de jornalismo, outros do pessoal que acompanha no dia-a-dia. Eu percebo que isso aumentou um pouco, mas eu ainda sinto falta demais, a gente só tem um jornal impresso de São José, grande, que é “O Vale Paraibano”, na televisão você tem a Band e a Vanguarda que são regionais só, a Record chegando agora, o SBT não tem. Rádio, tinha a *Rádio Cidade* que agora foi para a PIB... *Rádio Bandeirantes* que agora é a *Rádio cidade*. Mas é, em outras regiões aqui do interior de São Paulo mesmo, vejo maior número de mídias acompanhando até times menores, tem a praça de Mogi que o pessoal veio aqui antes de implantar, se a gente tem só dois times na Série B, eles não tem nenhum nem na Série C, só que eles tem um programa de esportes local, a mídia lá cobre o basquete que tá mal, cobre o handebol, cobre o União Mogi que está na quarta divisão (Segunda Divisão do Campeonato Paulista). Então a gente vê que vai da região mesmo, eu acho que... acho que está numa crescente legal, mas poderia ser mais até.

17) Para mostrar isso que quando o resultado do time faz crescer a repercussão, o Atibaia tem ganhando mais espaço, principalmente neste ano em que os resultados estão mostrando-se positivos. Isso aumenta a demanda dos torcedores do time?

Aumenta, a gente tem uma dificuldade de falar do Atibaia porque é uma região um pouco longe aqui para gente, não fica no Vale do Paraíba, mas a gente fez até uma matéria comparando o Atibaia com o Bayern de Munique que a torcida falou, deu uma repercussão legal. E é um time que já na Copa São Paulo fez um trabalho legal chegou, não lembro agora se nas quartas ou nas oitavas. E agora neste paulista da segunda divisão se classificou, foi o único time nosso daqui que se classificou para a próxima fase. Então a gente sente essa necessidade, se o time conseguir ir para a Série A3 a gente pensa em colocar o escudinho aqui do Atibaia, acrescentar (no menu principal do site) a gente só tem esses seis.

18) O Manthiqueira que é daqui de Guará, que uma de suas curiosidades era ser treinado por uma técnica.

Foi é, a Nilmara. Foi uma matéria até que o GETV quem fez, e depois a gente fez uma matéria é do futebol fair play que o presidente lá tem uma cartilha que o jogadores lá tem que jogar limpo, não pode falar palavrão, então teve esses casos do Manthiqueira, mas sempre que surge um time a gente corre atrás disso agora, por exemplo, o Taubaté vai ter vôlei, a gente pede até para o pessoal da programação (do site) já criar, porque antes... A gente vai postar uma notícia aqui, vou mostrar para você... você tem um campo aqui que você colocava o clube, né? Então antes a gente colocava “Pinda vôlei”, agora a gente coloca “Taubaté”... “vôlei Taubaté” já tem uma taguizinha (TAG) do vôlei Taubaté. Então isso vai acontecendo, se tiver uma demanda legal, o *Globoesporte* tá para mudar até o layout, estão estudando lá umas novas fórmulas e

tal, e uma das ideias é ter mais “homens”, por exemplo, a gente fala muito sobre o São José Basquete, seria legal ter uma home do “São José Basquete”, então tudo isso vai aprimorando, eles vão passando para gente.

19) Pensando em uma estratégia de marketing do futebol feminino, aqui para região que tem bons resultados, mas falta público. Como atrair o público para o futebol feminino?

Eu acho que depende do apoio da mídia, né? Se a Vanguarda falasse mais, se as TV's falassem mais eu acho que você tem mais torcida. Eu acho que depende das jogadoras que estão lá, se você tiver uma Cristiane, por exemplo, jogadoras que tem uma simpatia com a torcida, eu acho que uma outra estratégia também, principalmente para o jovens, levar os jovens ao Martins Pereira, é investir nas redes sociais, né? Os jogadores publicarem coisas no facebook, twitter, ter uma equipe de marketing divulgando esse trabalho nas redes sociais, daí você pode criar campanhas para a galera ir para o jogo, eu acho que é dessa forma que você vai conseguindo atrair mais gente para irem ao estádio. E aí, final até de campeonato paulista, que eu fui ver do São José é com pouco torcedor no Martins Pereira. **(Giu: O que mais destacou foi a Libertadores que foram mais de 15 mil pessoas, em um horário ingrato)** Foi... é... exatamente... Foi que a TV ficou falando, ficou martelando **(Giu: E também por conta do próprio campeonato, não?)** Libertadores chama mais atenção, é... isso também é uma coisa para se explorar, porque a pessoa já liga a Libertadores do masculino.

20) A Caixa vai patrocinar agora, em agosto, o primeiro campeonato brasileiro de futebol feminino, esse campeonato, você acha que pode emplacar em atenção?

Ah, tomara... eu torço para que os times que tem torcida apostem no futebol feminino, isso a gente vê que dá uma diferença, quando o Santos era diferente, se tiver um Flamengo no futebol feminino, Palmeiras, Corinthians isso ia dar uma diferença e as cidades do interior que já apostam como São José, Taubaté, Jacareí... e acreditar, mas a gente espera que... tem que esperar a continuidade, o NBB mesmo, por exemplo, quando começou, hoje... uma evolução ano após ano, até na televisão, o basquete no *Globoesporte* você vê que todo NBB, quando tem rodada do NBB você vê que o *Globoesporte* chama. Então quando a mídia apoia, é um esporte bem estruturado direitinho...

21) É esses são alguns esportes que galgaram né? O vôlei com a Superliga que hoje é um grande destaque. O basquete, você acredita que um dia o futebol feminino consiga atingir tal patamar?

Eu acho que sim, eu acho que São José tem tudo para continuar sendo o grande destaque pelo trabalho que a gente vê pelo “Atleta Cidadão”, o Márcio sendo da seleção e falando que a meninada que está treinando aqui no São José desde

pequeninha, evoluindo e passando por todas as etapas, competições, tudo isso... A gente vê que aqui em São José está sendo feito um negócio diferente e a gente torce para que, eu acho que o Brasil ganhando um ouro nas Olimpíadas no futebol feminino a atenção volta a crescer para o futebol feminino, então eu acho que é aproveitar esse momento e tentar crescer o esporte, solidificar o esporte como esses grandes que você falou.